

EX-LIBRIS

RUBENS BORBA  
ALVES DE MORAES

Le ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin







VICENTE DE CARVALHO

(Da Academia Brasileira)

**V**ERSOS

DA **M**OCIDADE

ARDETTIAS (1885)  
RELICARIO (1888)  
AVULSOS (1889-95)



LIVRARIA CHARDRON  
DE LEECO & IRMÃO, Editores  
Rua das Carmelitas, 144  
Porto—1912





# Versos da Mocidade





# Versos da Mocidade





Vicente de Carvalho

Vicente de Carvalho  
(Da Academia Brasileira)

---

# Versos da Mocidade

Ardentias (1885) Relicario (1888)  
Avulsas (1889-95)



PORTO  
LIVRARIA CHARDRON  
de Lello & Irmão, editores  
RUA DAS CARMELITAS. 144  
1912

270

DO MESMO AUTOR

Poemas e Canções, 1 vol.

600

EM PREPARAÇÃO

Antologia dos modernos poetas brasileiros.

---

O «acordo» assignado no Rio de Janeiro em 9 de Setembro de 1889, entre o Brasil e Portugal, assegurou o direito de propriedade litteraria e artistica em ambos os paizes.

---

A presente edição está devidamente registada nos Bibliothecas nacionaes, de Lisboa e Rio de Janeiro.

---

Porto — IMPRENSA MODERNA

Grande-Premio na Exposição do Rio de Janeiro de 1908



○ título deste livro ezijs esplicação que será dada em algumas linhas.

A vida literaria do autor teve até agora duas fazes distintas, separadas entre si por uma solução de continuidade que durou mais de cinco anos — mais de cinco anos de absoluta e intencional abstenção. Tendo começado muito cedo a rabis-car versos, aos dezoito anos publicou o autor o seu primeiro livro, com o título de *Ardentias*; e, tres anos depois, o segundo, a que chamou *Relicario*, e no qual foram reproduzidas algumas das poe-zias que figuravam naquele. Solicitado daí em diante pelos interesses da vida pratica, dominado por preocupações de jornalismo e de politica, nem porisso deixou de cultivar com fiel amor, si bem que com menos assiduidadé, o verso; e dispunha, em 1894, de materia para um novo volume, quan-do sobreveiu á sua vida um acontecimento que o desgostou — para sempre, pensava ele, apenas por algum tempo, na realidade — da sua tal qual habilidade para metrificicar frases e ajustar rimas.

Convertido ao pozitivismo num brusco movi-mento de entusiasmo juvenil, pareceu-lhe que os

seus versos, vulgares e insignificantes, profanavam o altar erguido por Augusto Comte á Poezia. quando a proclamou a mais nobre e a mais elevada manifestação do espirito humano. Chegou a ganhar-lhes aversão. Ao mesmo tempo que se penitenciava, em publico, de haver militado no jornalismo, a si mesmo se condenava no seu fôro intimo como autor de versos imperdoaveis. Todo voltado para a admiração intransigente e escluzivista dos Grandes Poetas, aferrolhou a sete chaves a sua lira, e procurou esquecer que perpetrara as *Ardentias* e o *Relicario*, afóra outros pecados veniais ou de menos vulto, esses, porque tinham sido dispersados na publicidade efemera da imprensa periodica, ou se conservavam no estado inofensivo de manuscritos.

Durou mais de cinco anos essa situação de espirito. Passados eles, recaiu o autor no jornalismo e nos versos, dous vicios de que se julgára definitivamente corrigido. Em idade já proveta, quando já dobrava o cabo dos trinta anos, voltou a correr atraz das rimas — como se tivesse quinze e corresse atraz de borboletas... Em 1902 publicou o



poemeto *Rosa, rosa de amor...* Em 1908, os *Poemas e Canções*. O acolhimento feito pelo publico e pela critica a esses dous livros, sobretudo ao ultimo, surpreendeu-o; e, com injenuidade o confessa, deu-lhe de seus proprios versos uma ideia muito mais alla do que nunca tivera.

A simpatia do publico é, de certo, mesmo para os artistas menos dotados de vaidade, o melhor dos estimulos, e o mais precioso dos lezouros. Vendo-se acolhido com tanto favor, poz-se o autor a reler com outros olhos os versos da sua mocidade: sob o efeito de uma sugestão algum tanto semelhante a uma suave embriaguez, pareceram-lhe tais versos melhores do que até então lhe tinham parecido. Acreditou, relendo-os, que não se distanciavam muito, sinão pela idade, daqueles que o publico recepêra com simpatia e a critica com aplauzo. E rezolveu-se a reunil-os em volume, com a esperança de que essa resurreição deles, do esquecimento em que jaziam para a publicidade em que hoje surjem, fosse, senão um titulo, uma nova ocasião pelo menos á simpatia benevôla, mas tão desvanecedora sempre, dos lei-

tores. Si isso é uma ilusão, será facilmente perdoada mais essa a um poeta, como tal acostumado por natureza e por officio a entreter-se com quimeras.

O fato é que, dominado por tais sentimentos, dedicou o auctor a organizar o presente volume os lazeres de uma viagem de descanso — rapido parenteze aberto numa vida trabalhada de obrigações profissionais ezijentissimas. Aproveitou para isso: parte, menos de metade, da materia contida nas *Ardentias*; muito do *Relicario*; e o que pôde encontrar de mais ou menos apresentavel na sua produção dispersa, e em boa parte estraviada, de 1889 a 1894. E' este, pois, um livro novo feito de versos velhos. As *Ardentias*, cuja pequena edição se esgôto logo, foram por assim dizer um livro que desapareceu, e ficou pouco menos de ignorado. Do *Relicario* houve duas edições, uma em 1888, outra em 1890; ambas acabaram rapidamente, deixando quazi que só uma vaga lembrança na memoria dos que as conheceram. Quanto aos versos escritos de 1889 a 1894, são, pela maior parte, completamente ineditos.

A todos eles fez o autor, tanto quanto lhe foi possível, as modificações precisas para os limpar dos defeitos de forma que os desfeizavam. Os defeitos corrigidos entendiam particularmente com o respeito que se deve á lingua em que se escreve. Em materia de linguaagem, e de regras em geral, o autor foi, na sua mocidade, um revolucionario entuziasta, como o comum dos moços — e até mais, talvez. Apesar de frequentar com gosto os chamados classicos da lingua, afigurava-se-lhe a gramatica portugueza, em muitos cazos, uma apertada tirania ezercida ilejitimamente sobre o falar brasileiro. Era muito da moda, por aquele tempo, esse jacobinismo literario, ou mais precisamente filolojico. Quanto á fatura material do verso, á precizão e sobriedade das espressões, á variedade dos sons, que tanto contribuem para a muzicalidade do ritmo, á propriedade da rima — pensava o autor que a forma não passa de um pretesto á inspiração.

Era assim que escrevia, prefaciando em 1887 um livro alheio:

«Vê-se que a tua muza não procurou  
 «artificiosamente a frase, e antes lhe saiu  
 «esta espontanea com o pensamento. Para  
 «muitos será isso um peccado; para mim,  
 «que prefiro o obscuro rouxinol maviozo da  
 «*Menina e Moça* aos pavões bizzarros do  
 «parnazianismo, para mim essa simplici-  
 «dade possui verdadeiro encanto... Já o  
 «nosso grande Musset, esse que os contem-  
 «poraneos acuzavam de não saber fazer  
 «versos, dizia que:

*...les oiseaux*

*«Qui sont les plus charmants sont ceux qui chantent faux.*

«Não compreendo essa arte que faz da  
 «beleza da frase o valor esclusivo do verso.  
 «A poesia moderna faz-me lembrar os ma-  
 «nequins destinados á reclame dos alfaia-  
 «tes: por fóra, dezenham-se as formas cor-  
 «retas da roupa bem talhada; dentro, dorme  
 «um pedaço de pau toscamente ajeitado ao  
 «feito do corpo humano. Entretanto, não  
 «defendo o desleixo da fórma. Penso que  
 «a frase, como roupagem que é do pensa-

«mento, deve ajustar-se-lhe com elegancia e correção. Apenas não quero que por amor ao apuro casquilho se faça da poezia o manequim do verso...

«...Os teus versos não deslumbram a vista pelo rendilhado artistico da fraze, pela esquizita beleza de um estilo arquitetado pitorescamente; mas rouxinolam no ouvido e ecoam docemente na alma...»

Assim pensava o autor aos vinte anos, separando, na poezia, o fundo e a fórma, para attribuir áquele uma absoluta supremacia, e a esta, uma função accessoria. E é natural que, pensando de tal modo, ezeccutasse com a mais convencida semcerimonia esse pensamento, sempre que se achava em dificuldade, e precisava apoiar os arroubos da inspiração nas azas de pau de um adjetivo apanhado ao acaso, ou de uma rima que só rimava pela intenção...

Reduzido pelo tempo a idéas menos radicais, ou menos confuzas, pensa hoje o autor o que exprimiu nas seguintes linhas de outro prefacio, escrito vinte anos depois daquelle:

«Dizia Goethe, com razão e graça, que um poeta, enquanto apenas dispõe de uma rica idéa, não possui ainda couza nenhuma.

«Em materia de poesia, a expressão é tudo; com a condição, está visto, de ser a expressão de alguma couza, que dentro dela viva e palpite...

«No verso, as idéas e a expressão fundem-se, e não ha meio de as separar. Não creio que haja poetas da forma e poetas de outra especie. Não sei de poeta digno desse titulo que valha por obra em estilo atamancado, e não esprima, na lingua de ouro dos versos que ficam, idéas e sensações ainda não ouvidas. Em todos os tempos e de todos os poetas, os versos que ficaram são aqueles que têm a eternidade da perfeição, porque evocam, em fraze perfeita, flagrantemente representativa e modelarmente conciza, algum aspeto dessa maravilha, dessa variadissima, dessa inesgotavel paizagem que é a alma humana...»

Compreende-se que, convertido a essa concepção da poesia, certo de que na obra de arte, que

é um luxo, a perfeição da fôrma é uma necessidade, e a ambição de a realizar uma condição da capacidade criadora; compreende-se que, assim pensando e sentindo, não pudesse o autor rezistir á tentação de polir, tirando-lhes as arestas mais vivas, os versos que na mocidade escrevêra despreocupado de exigencias que então lhe pareciam formalidades suscetiveis de serem transgredidas impuramente. Assim fez, tanto quanto julgou indispensavel, e lhe foi possível. Poucas das poezias contidas no presente volume foram reproduzidas como figuravam nas *Ardentias* e no *Relicario*, ou como se conservavam em manuscrito. São essas as que, por um acazo feliz, saíram de primeiro jato vazadas em forma aceitavel. Outras foram modificadas — algumas profundamente. As que o autor de todo não pôde corrijir dos grandes defeitos de fôrma que anulavam algum merecimento que tivessem, preferiu, ás vézes com pezar, deixal-as abandonadas nas edições esquecidas onde jaziam e devem continuar a jazer como em tumulos ignorados.

Esta espiciação, aliás longa, era um dever de

lealdade em que o autor se sentiu para com o publico. O titulo do presente livro, *Versos da mocidade*, não significa, nem pretende significar, que os versos reproduzidos o foram exactamente, na sua fórma primitiva. E' o que devia ficar bem claro. O autor acredita ter tido mais de uma vez em seus verdes anos occasião de fazer alguns versos tão felizes como os menos maus que na idade madura conseguiu rimar; mas escrevia então, pelo meio deles, outros que mais tarde não se atreveria a escrever, e menos ainda a conservar. Não faltará quem entenda, e, com varios argumentos, que era preferivel deixar intacta a obra juvenil, com todas as qualidades e defeitos proprios da idade em que foi produzida, com todos os caracteristicos da arte rudimentar em cujos principios licenciosos se orientava. Não o entendeu assim o autor. Si ele se reconhecesse bastante rico para sé dar a um tal luxo, desdenharia esses velhos versos que foram a tosca morada de sua alma de moço; e trataria de empregar em novas construções, mais homojeneas e mais sólidas, o tempo e o esforço de que dispunha. Mas sente-se dema-



ziado pobre para isso: por pouco que valham, algumas concepções, algumas imajens, algumas estrofes destacadas, na confuzão da obra dezordenada e dezegual da mocidade, constituíam uma bôa parte do seu reduzido patrimonio. Preferiu o autor, como é natural, conserval-as e aproveitá-las, mediante algum trabalho de reparo e reconstrução, a perdê-las, deixando-as ao abandono. Supôi ele que lhe assistia direito de assim proceder. Um artista, tanto quanto se sente com forças para o fazer, tem sempre o direito de corrigir e melhorar a sua obra, procurando dar-lhe a fórma definitiva, isto é, a fórma que mais se aproxime da relativa perfeição ao alcance dos seus meios: o ponto em que se reconhece afinal de todo incapaz de fazer melhor é o ultimo limite em que deve deter, dezanimado e vencido, o seu esforço. O autor, aliás, sempre assim entendeu e ajiu. Para terem entrada no *Relicario*, quazi todas as poezias que haviam figurado nas *Arden-tias* sofreram retoques: e, desde que vóltou á atividade literaria, de cada vez que uma produção antiga lhe parecia suscetivel de alguma melhora,

nunca hezitou o autor em procurar melhora-la. Foi sempre esse o seu sistema. Tais alteraçõis respeitaram sempre o pensamento e o sentimento dominante das poezias, bem assim a maior parte dos versos; em muitos cazos se limitaram a simples substituição de uma ou outra palavra. Para os que pensam que isso é um peccado, aí fica a confissão. O que ninguem, depois destas linhas poderá pensar, é que houve da parte do autor qualquer intenção de iludir o leitor desprevinido.

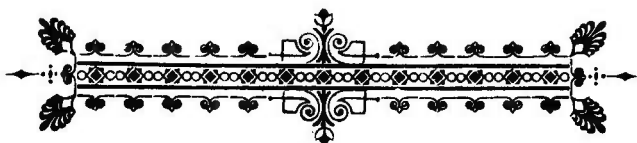
Paris, Julho de 1909.

W. C.

ARDENTIAS

(1883-1885)





## MADRUGADA PAGÃ

---

A loura deusa das manhãs radiozas,  
Que inflora o campo e sonoriza os ninhos,  
Surje espalhando á beira dos caminhos  
Giestas em flor e petalas de rozas.

Tudq desperta e anceia: ha borborinhos  
De amor feliz nas moutas misteriozas,  
Zumbidos de azas, expansões cheirozas  
Da alma, entreaberta ao sol, dos rosmaninhos.

---

VERSOS DA MOCIDADE

---

De entre murteiras planje, murmurante,  
A voz de Pan, que se escoar parece  
Em catadupa trémula e sonora;

E, como ouvindo aquela voz distante,  
Venus empalidece, empalidece...  
E desmaia entre as purpuras da aurora.





## FOLHA SOLTA

Eis o ninho abandonado  
Dos sonhos do nosso amor...  
E' o mesmo o chão onde oscila  
A mesma sombra tranquila  
Dos arvoredos em flor.

E' o mesmo o banco de pedra  
Onde assentados nós dois  
Falámos de amor um dia...  
Lembras-te ? Então, que alegria !  
E que tristeza depois !...

Falámos de amor... E sobre  
Minh'almá arqueava-se o azul  
Do teu olhar transparente  
Como o ceu alvorecente  
Das nossas manhãs do sul.

Quanta loucura sonhámos!  
Quanta ilusão multicór!  
Quanta rizonha esperança  
Nessas almas de criança  
Iluminadas de amor!

.....

Quando eu partia, chorámos...  
Toda a alma se me desfez.  
Cada lagrima caída  
Era uma folha da vida  
Que eu desfolhava a teus pés.

Então amavamos tanto!  
Tanto esquecemos apóz!  
E de minh'alma, altó e dóce,  
Foi-se afastandb... e calou-se  
O ultimo som de tua voz...



---

---

Passaram-se os anos — sombras  
Que iam crescendo em redor  
Daquele sol afundado  
Nos abismos do passado:  
— A estrela do nosso amor.

Hoje volto... E' tudo o mesmo  
Que quando amámos aqui:  
Sombra, passaros, fragrancia,  
Tudo me fala da infancia,  
Tudo me fala de ti.

Abril dezenrola em torno  
Seu esplendor festival;  
Tudo é jubilo... No emtanto  
Não mesclas teu doce encanto  
A este encanto matinal.

Não voltas, pomba emigrante,  
Ao ninho de onde se ergueu  
Teu vôo, abrindo caminho  
Em busca de um outro ninho  
Sob o azul de um outro ceu...

Encontro o ninho dezereto;  
Velto, o seio imerso em dor,  
Em pranto os olhos submersos...

.....

E aqui deixo nestes versos  
O ultimo sonho de amor.





## CANTO DOS CORSARIOS

(PARÁFRAZE DE BYRON)

---

O' vasto mar perdido no horizonte,  
Movel planície onde em tumulto as vagas  
O alvo lençol de espumas dezenrolam !

Por sobre a tua solidão sem termos  
Nossa bandeira, simbolo da força,  
Paira com vòs triumphantes de aguia.

O' mar. dezerto palpitante e enorme,  
Patria de nossas almas erradias !

Sobre teu dorso movediço corre  
Nossa vida selvajem, repartida  
Entre o furor sangrento das batalhas  
E os descuidos da paz no mar varrido;  
Entre o raivar dos temporais desfeitos  
E o preguiçar das longas calmarias...  
E sempre, á vista de infinitos ermos,  
O imenso orgulho de sentir-nos fortes,  
O altivo gosto de saber-nos livres...

Certo não podes tu, mizero escravo  
Que empalideces ante o horror das ondas  
Batidas do tufão; nem tu, por certo,  
Crapulozo fidalgo esmorecido  
Ao pezo das orjías;— comprehendel-as  
As emoções com que sacodem a alma  
Os perigos da luta; nem sentil-o,  
O capitozo encanto desta vida  
Passada entre as procelas rugidoras  
Nas brutas contorções do mar sanhudo...

Aos êprichos do vento entregue o rumo,  
Velas abertas como grandes azas,  
Proa cortando as aguas em tumulto,

---

---

Assim vogamos, nómades e livres,  
Pela infinita solidão dos mares  
— Chão movediço onde nem ficam pégadas...

Que é que buscamos? O perigo e a luta;  
O estrondo, o fumo, a gloria das batalhas,  
O sibilar sinistro dos pelouros,  
O coriscar das laminas de espada;  
E os grandes golpes de que o sangue espirra,  
E sobre os ais planjentes dos que morrem  
O tropejar dos cantos de vitoria!

A morte, vista frente a frente, a meio  
Da aceza furia do combate, certo  
Assusta o mole coração dos fracos,  
Descóra o rosto anciozo do cobarde...  
A nós, porém, aviva o sangue e os olhos,  
Enrija o coração, dá força ao braço.

Não tememos a morte que afrontamos  
Cantando e rindo no fragor da luta,  
Lutando a braços com o furor das ondas.

Si tantas vezes de tão perto a vemos!  
Vemol-a tal qual é, tal qual se mostra:  
Continuação do descuidado sono  
Que dormimos depois de uma batalha,  
Os fatigados membros descansando  
Sobre os trofeus sangrentos da vitoria...  
Nela, um dia, por fim, descansaremos  
Sobre os louros da vida...

E é bom, e é belo  
Nas derradeiras convulsões, morrendo,  
Matar, vencer ainda! E, como a rocha  
Que se despenha do alcantil de um morro  
Róla arranhando o chão, lascando troncos,  
Para a sombra do abismo onde se afunda  
Arrastando um cortejo de destroços;  
Assim, é belo sucumbir lutando,  
Morrer vibrando, um derradeiro golpe,  
E, ao cair, arrastar na propria queda,  
O corpo e a vida do inimigo morto!

Pois cumpre-nos morrer, pois que devemos  
Pagar um dia esse tributo ao nada,  
Venha quando quizer a incerta morte:  
Nós, sem medo, esperamol-a a pé firme.

E é bem melhor a morte quando fere  
De choque, em cheio, o peito de um valente  
Do que quando se achega rastejante  
Do solitario leito de um enfermo.

Enquanto o enfermo, estenuado e pálido,  
Gota a gota distila o fel da vida  
E suspiro a suspiro o alento ezala,  
Num largo sopro e num arranco heroico  
Nossa vida se esvai, e nosso espirito  
O vôo eleva para a eternidade.

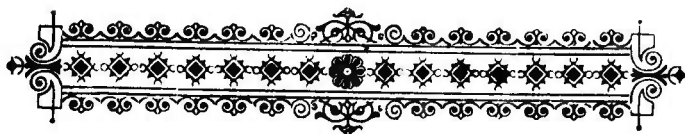
Do que inútil morreu no Iôfo leito  
— Escravo sempre — o lívido despojo  
Na estreita cova ficará calivo  
Té que o liberte a lama, apodrecendo-o.

A nós, quando caímos, na surpresa  
De um belo golpe, de uma bala rapida,  
Na gloria do combate, na apoteóse  
Dos clarões da metralha; a nós, vencidos,  
Como rubra mortalha, o proprio sangue,

Por sepultura, o seio azul do oceano,  
Por adeus e oração, estas palavras  
Dos que deixámos sobre as ondas: *Bravos,*  
*Eles morreram como os bravos morrem!*







## VERSOS A ALGUEM

---

Não, não penses em mim! Pensa em ti, minha amada!  
Foje desta paixão que te arrasta e me assombra!  
Ave que vens pouzar no pó da minha estrada,  
Tua vida é um arrebol, meu destino é uma sombra.

Que ceu azul reflete o teu olhar tão puro!  
O sorriso floresce em rozas na tua boca...  
E hasde sacrificar a este amor sem futuro  
A primavera em flor dos teus quinze anos, louca!

E hasde ser infeliz porque te amo ! E perdido  
De amor, eu sofrerei a incomparavel magua  
De receber de ti, culpado e arrependido,  
A bençam desse olhar nuns olhos razos d'agua !

Olha para o porvir — largo caminho aberto  
Sobre um chão todo em flor, sob um ceu pleno de astros;  
Deixa o passado! Esquece os plainos do deserto  
Onde se irá perdendo a sombra dos meus rastros !

Não chores ! Para ti abre-se a vida em flores...  
Deixa-me só, caído á beira do caminho !  
Sê feliz sem remorso ! Esquece-me !... E não chores...  
Menos padecerei, padecendo sózinho.

Adeus ! Deixa-me ! Vê: tenho os olhos serenos,  
Fito quazi contente o meu sonho em pedaços...  
Morrer de ver-te a rir nos braços de outro — é menos  
Bem menos que te ver, chorando, nos meus braços,





## CANÇÃO

---

Quando passas, bem amada,  
— Clarão, perfume, harmonia —  
Raia o sol e rompe o dia  
Na minh'alma deslumbrada.

E, vendo-te, ó meu suplicio,  
Tenho a vertigem imensa  
De uma criança suspensa  
Na borda de um precipicio.

Como um sonambulo errante  
Que vae pela noute fóra  
Vendo ao luar hesitante  
Vagos prenuncios de aurora,

No olhar com que nem me fitas,  
Noute, noute sempre escura,  
— Cheio de ilusões bemditas,  
Sonho auroras de ternura.

Quando acaso me acontece  
Ouvir-te a fala suave,  
Enlevado, me parece  
Que a vida é um gorjeio de ave.

Nesta tristeza em que eu ando  
Tua voz canta em minha alma  
Como um rouxinol cantando  
Dentro de uma noute calma.

Passas, e eu vejo-te; falas  
E ouço-te a voz: e esse pouco  
Enche de esplendidas galas  
Toda a minh'alma de louco.

Mas vais-te — e vai-se contigo  
Tudo quanto, num momento,  
A minh'alma, esse mendigo  
Sonhou num sono ao relento...

Sómes-te como se apaga  
O sol envolto na bruma,  
Ou como o floco de espuma  
Que nasce e morre com a vaga;

E eu, estatico e tristonho,  
Embebo o olhar no teu rastro...  
O' tu que vens como um astro,  
O' tu que vais como um sonho!







## DONA FLOR

---

Ela é tão meiga! Em seu olhar medroso,  
Vago como os crepusculos do estio,  
Treme a ternura, como sobre um rio  
Treme a sombra de um bosque silenciozo.

Quando, nas alvoradas da alegria,  
A sua bôca humida floresce,  
Naquele rosto anjelicall parece  
Que é primavera, e que amanhece o dia.

Um rosto de anjo, limpido, radiante...  
Mas, ai! sob esse anjelico semblante  
Móra e se esconde uma alma de mulher

Que a rir-se esfolha os sonhos de que vivo  
— Como atirando ao vento fugitivo  
As folhas sem valor de um malmequer...







## VELHA CANÇÃO

(IMITADO DE VICTOR HUGO)

---

Nunca eu pensára em Roza. Ela tinha vinte anos,  
Eu, quinze. Uma manhã, deu-me ela o braço, rindo,  
E ambos, rindo, a palrar, fomos leves e ufanos,  
Campo em fóra, a vagar sob o azul do ceu lindo.

Muito senhor de mim, sereno, eu caminhava  
Ao seu lado, a falar, com distraída voz,  
De que? Nem sei. De mil nadas. Ela escutava;  
E o seu olhar azul me perguntava: — *E após?*

Teñtando ela apanhar um jambo num jambeiro,  
Predeu-se-lhe no galho a manga; e, arregaçada,  
Poz-lhe indiscretamente á mostra o braço inteiro.  
Ela córou. Eu ri. Ela sorriu. Mais nada.

Insinuando-se entre a emaranhada alfombra,  
Um córrego rolava espumas furta-cor.  
Em róda, a natureza adormecêra á sombra  
Cheiroza e tutelar das arvores em flor.

Com um ar de criança, ela, rapidamente  
Descalçou-se... Eu sentei-me, atoa, no barranco;  
Puz-me a olhar o regato — e na agua transparente  
Vi um pé pequenino alvejar, muito branco...

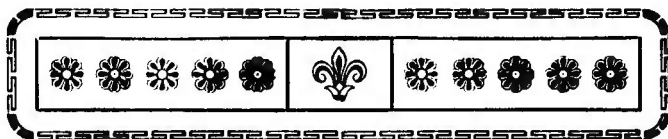
Voltámos. Roza vinha apoiada ao meu braço.  
Absorta, mal dizia um *sim* ou *não* banal.  
E eu achava-lhe um ar estranho, de cansaço  
Ou dezanimo... Um ar diferente, afinal.

Já nem sabia mais o assunto em que falar-lhe.  
Caminhava ao seu lado, acanhado e indecizo,  
Vendo-a ás vezes sorrir, e ás vezes borbulhar-lhe  
Um suspiro atravez das rozas de um sorriso.

Fomos andando assim. Chegámos, está visto.  
Ao separar-nos, Roza, estendendo-me a mão,  
Disse-me: — *Bem, adeus! Não pensemos mais nisto!*  
...E é só nisso, afinal, que eu penso desde então.







## ADORMECIDA

Ela dormia... Sobre o alvor do leito  
Dezenhava-se, esplendida mirajem,  
Seu lindo corpo, escultural, perfeito.

Encrespado das rendas da roupajem,  
Seu seio brandamente palpitava  
Como a lagóa no tremor da arajem.

Sólto, o cabelo se dezenrolava  
Sobre os lençoes, em plena rebeldia,  
Como um revoltó mar que os alagava.

---

---

Como no ceu, quando desponta o dia,  
A aurora raia, de um sorriso a aurora  
Pelo seu meigo rosto se expandia.

E ela dormia descuidada... Fóra,  
O mar gemia um cantico planjente  
Como uma alma perdida que erra e chora.

Um raio de luar, branco e tremente,  
Pela janela mal cerrada veiu  
Entrando, surda, sorrateiramente...

Ia beijal-a em voluptuoso aneio;  
Mas, ao vel-a dormindo entre as serenas  
Ondas daquele sono sem receio,

Hesitou em beijar-lhe as mãos pequenas,  
E humildemente, e como ajoelhando,  
Beijou-lhe a fimbria do vestido apenas...

E o lindo quadro, estatico, fitando,  
Senti não sei que mistica ternura  
Por toda a alma se me derramando

Porque ácima daquela formozura  
Do corpo, os seus quinze anos virjinaes  
Envolviam-lhe a anjelica figura  
Na sombra de umas azas ideais.









## S P L E E N



Fóra, na vasta noute, um vento de procela  
Erra, aos saltos, uivando, em rajadas e em furia;  
E num rumor de choro, uma voz de lamuria,  
Ouço a chuva a escorrer nos vidros da janela.

No desconforto do meu quarto de estudante,  
Velo. Sinto-me como insulado da vida.  
Eu imagino a morte assim, aborrecida  
Solidão numa sombra infinita e constante...

Tu, que és forte, rebrame em furia, natureza!  
Eu, caído num fundo abismo de tristeza,  
Invejo-te a expansão livre do temporal;

E, no tédio feroz que me assalta e me toma,  
Sinto anciarem-me n'alma instintos de chacal...  
E compreendo Nero incendiando Roma.





## TUMULO DE UMA ALMA

---

Esta flor que me deste suspirando  
Na hora da partida  
(Ha tanto tempo, ha tanto tempo!) quando  
No ceu da minha vida  
Resplendia a manhã do teu amor,

Beijo-a, que é tudo que me resta, tudo!  
De um sonho encantador.  
Ela me fala de um passado mudo,  
De um tempo que não volta...

Linda pajina solta  
Do desfolhado livro de minh'alma!

Ai, o primeiro amor! Quem as não teve,  
As ilusões da adolescencia calma  
    Antes que a fria neve  
    Dos tristes dezenganos  
Pela estrada da vida se alastrasse?

Voam os leves anos,  
E, com os anos, elas  
Erguem o vôo alijero e fugace...

Olha, são como aquelas  
Aves de lindas plumas e voz doce  
Que na alegre manhã de um claro dia  
    A primavera trouxe:  
Emquanto um ceu azul resplandecia  
Sobre a pompa das arvores em flor,  
Toda a floresta palpitava e ria  
    No confuzo rumor  
De rufos de aza e cantos de alegria.

Depois, um dia, a um pôr de sol saudozo  
— Ia o inverno chegando —  
Todas, uma por uma, abrindo no ar  
O vôo silenciozo,  
Fôram voando... voando...  
E afundaram na sombra do crepusculo  
Para não mais voltar...

Ai, o primeiro amor! Quem as não teve,  
Na alegre madrugada dos quinze anos,  
As iluzões da dolescencia calma,  
Antes que a fria neve  
Dos tristes dezenganos  
Lhe amortalhasse a alma?

Vêm, quando é primavera,  
Como um bando de passaros joviais;  
Mas, ao fugir a primavera, vão-se,  
Vão-se, e não voltam mais.

Vêm-nos, ao coração, ruidozamente  
Cantando cantos de alegria; e á sua  
Fuga, deixam em nós toda a tristeza  
De uma floresta desfolhada e ñua...

\*

\*

\*

Sonho acabado, onde já vais !... Nós iamos  
Pela ezistencia fóra,  
De braço dado, a rir e a doudejar.  
Cantava o amor nas frases que dizíamos  
Eu enlevado, tu enrubecida...  
E era um raiar magnifico de aurora  
— No ceu da minha vida  
A luz do teu olhar.

Um murmurinho vago,  
Canto de dous implumes passarinhos,  
Eis o que era esse amor injenuo e doce.  
Aza de garça que roçou num lago,  
Sopro de arajem balouçando ninhos,  
Languido aroma de uma flor silvestre,  
Passou por ti... passou... evaporou-se...

\*

\*

\*

Quando voltei, depois da longa auzencia,  
De tantos anos de saudade inutil,  
Eras uma senhora altiva e futil  
A quem os homens davam *Excelencia*.

Hoje, quando me encontras por acaso  
Num desses bailes onde resplandeces,  
E sobre mim (ó merencorio ocazo  
De um lindo dia!) o olhar tranquilo déces,  
    Teu seio alabastrino  
Já não palpita como palpitava...

Não estremece o marmore divino!

Hoje és deusa e rainha... Após teus passos  
Referve um turbilhão de adoradores,  
E desfolham-te aos pés frases e flores  
    Os corações devassos  
    De cem conquistadores.

E's bonita, elegante, desenvolta;  
Tens sobre as almas um dominio estenso;  
E vais seguindo pela vida, envolta  
    Numa nuvem de incenso.

Melancolicamente  
Eu ponho-me a cismar  
Na criança que amei, alma inocente,  
Timida flor selvajem que a corrente  
    Arrastou para o mar...

Eu dou razão inteira  
A' turba que te segue e te apoteóza:  
Os teus labios são como uma rozeira,  
Os teus sorrizos são botões de roza...

Deus, por certo, creou-te  
Para inspirar arrojos de lirismo:  
Os teus olhos, escuros como a noute,  
Tém atrações de abismo.

Bem mereces, por certo,  
O amor de tanto coração constante  
Que se mata a seguir teu vôo incerto  
De borboleta errante.

Formoza! Sim, confesso que és formoza,  
Ai, reconheço que és encantadora.  
Botão que amei, dezabrochaste em roza...  
E amo-te? Isso não sei, minha senhõra.

Quando te fito, acodem-me á lembrança  
Uns amores que tive, e que perdi...  
Eu amo sempre a que adorei criança,  
A que tu foste, a que morreu em ti.



\*

\*

\*

E se tudo perdi de quanto tive,  
E só me resta a flor que tu me deste,  
Desta mizera flor minh'alma vive  
Qual da seiva de um tumulo um cipreste.

Beijo-a. Beijo-a chorando... Ouve, perjura:  
Esquece, embora! O teu passado é meu:  
Esta flor murcha é como a sepultura  
De tu'alma, que amei e que morreu.







## NEVER MORE

---

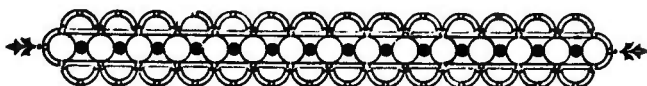
Tu queres reviver aquele amor de outrora...  
Douda! Mal sabes tu, nem podes comprehendel-o,  
Que noute anouteceu no ceu daquela aurora,  
Como a minh'alma em flor se recobriu de gelo!

Um dia ergueste o vôo... O rózeo torvelinho  
De uma ezistencia nova e esplendida arrastou-te:  
Voaste para a luz — e aqui fiquei sózinho  
No fundo deste amor onde caíra a noute.

Hoje, meiga, talvez arrependida, voltas  
Procurando em minh'alma um pouco do passado,  
Tentando reunir aquelas folhas sôltas  
Em que atiraste ao vento um sonho desfolhado.

Não volta ao galho a flor que desprendeste da haste,  
Não volta a minha fé. Tu, coração travesso,  
Coração de mulher, lembra-te de que amaste...  
Eu não mendigo amor ! Eu amo-te... e padeço.





## GÉLIDA

---

Lembram-me sempre as regiões polares  
— Frias e brancas solidões imensas —  
Quando em meus olhos pouzam teus olhares:  
Neles vendo o que sentes e o que pensas,  
Lembram-me sempre as regiões polares...

Lá, sob o escuro ceu que a bruma veste  
De vaga sombra e de imortal tristeza,  
Se dezenrola, alcantilado e agreste,  
O seio nu da triste natureza,  
Lá, sob o escuro ceu que a bruma veste.

Os esqueletos brancos das montanhas  
Sob o veu transparente das neblinas  
Vão deenhando aparições estranhas...  
Têm a tristeza vaga das ruínas  
Os esqueletos brancos das montanhas.

Quebra a funerea solidão que dorme  
Em torno, apenas e de quando em quando,  
O fantasma de um urso, horrendo e informe,  
Os vagarozos passos arrastando  
Pela funerea solidão que dorme...

Assim pareces tu, palida e fria;  
Formosa filha de Albion nevoenta!  
Rosto onde não resplende uma alegria,  
Alma onde uma ternura não rebenta,  
Assim pareces tu, palida e fria.

Nunca um raio de amor iluminou-te  
O arido seio, o coração de pedra;  
Nenhuma estrela te clareia a nóute,  
Nenhuma roza no teu seio medra,  
Nunca um raio de amor iluminou-te.

E a tua vida é como esse dezerto  
Vasto, sombrio, lugubre, gelado:  
Olha-se e vê-se, lonje como perto,  
Um grande plaino branco e despovoado...  
E a tua vida é como esse dezerto.

Mas como os ursos das regiões polares,  
Vê-se, quebrando essa monotonia,  
Passar ás vezes pelos teus olhares  
A sombra de uma colera bravia  
Como esses ursos das regiões polares...









## SOBRE UMA CRIANÇA MORTA

---

Entregaram-te enfim á paz do cemiterio,  
Deitaram-te na cova o corpo delicado,  
E a funda escuridão do funebre misterio  
Sorveu-te para sempre, ó lirio desfolhado!

Agora, na humidade asperrima do solo,  
Terás, para abrigar-te o derradeiro sono,  
Em vez do olhar materno e do materno colo  
A solidão sem fim do supremo abandonado.

E lá ir-te-ão roçar a alvissima epiderme  
E, roendo-te a carne, apodrecer-te os ossos,  
O contato voraz das larvas e dos vermes,  
E as negras podridões dos charcos e dos poços.

E, enquanto na funerea escuridão dormires,  
A terra hade sorrir nas expansões da flóra,  
Hão de enfaixar o ceu as côres do arco-iris,  
E o sol hade fuljir nas purpuras da aurora.

E tu... não mais irás colher pelos caminhos  
A rubra flor aberta á madrugada, e á ave  
Não mais imitarão a muzica dos ninhos  
As claras vibrações de tua voz suave.

Amanhã tu serás o lodo de um monturo,  
Uma caveira a rir um rizo de idiota,  
E surjirás no limo, e has de ser verme impuro,  
E has de vir na herva má que a sepultura brota...

Embora! Terás sempre a alvura do alabastro  
A' vista espiritual de uma iluzão materna:  
Ah, para tua mãe tu serás sempre um astro  
Refuljindo no azul de uma saudade eterna.





## PRIMAVERA

Hoje, eu quiz escutar o seio da floresta,  
Sentir o coração da primavera arfar  
Em cada arbusto em flor, em cada ninho em festa,  
No chão, nas frondes, no ar.

No céu completamente azul, rompêra o dia.  
Que formosa manhã! Que alegre sol! A arajem  
Era um perfume. O orvalho, em perolas, fulgia  
No tremor da folhagem.

---

---

Voluptuosamente enlaçavam-se, rindo,  
Pelos troncos senis, trepadeiras em flor,  
Dos troncos á velhice ezausta repartindo  
Uns bálsamos de amor;

E os troncos, ao calor daquela mocidade,  
Da seiva que no tempo, inválida, se perde,  
Riam-se, aqui, ali, na muda alacridade  
De uma folha mais verde.

Borboletas, roçando apenas, de aza incerta,  
A florecencia rôxo-ázul dos manacás,  
Depunham de corola em corola entreaberta  
O seu beijo voraz.

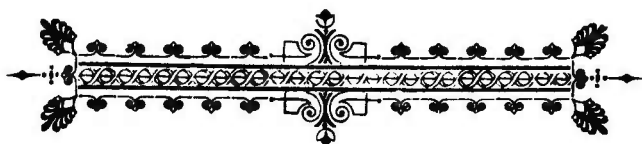
Falavam-se de amor os passaros inquietos,  
E palpitava em torno, em sussurrante adejo,  
Nem eu sei si o rumor das azas dos insetos  
Ou si o rumor de um beijo.

«Amor! Amor!» — dizia a natureza toda  
Como louca de luz, de seiva, de paixão.  
O vento desflorava os laranjais em roda...  
E me lembrou então

Nosso noivado, ó tu cujo labio me espera,  
O' tu, formosa, ó tu, perfeita e bem querida,  
Cujo beijo abrirá também a primavera  
No chão da minha vida!







## NO SAHARA

---

Sob o infinito ceu se espraia, toda envolta  
Em luar, a planura infinita de areia.  
No chão que alveja, como um fantasma, passeia  
E corre a sombra de uma informe nuvem solta.

No horizonte, bem sobre a planície, vivazes  
Como faróis no mar, ardem estrelas. Morno,  
Afla o vento num bafo abraçado de forno.  
A caravana, ezausta, adormeceu no oazis.

Repouza, entregue á paz do sono, o acampamento,  
Emquanto a sentinela imovel, descansando  
Na longa carabina a bronzeada mão,

Sonda, interroga em vão com o olhar sonolento  
Os confins do deserto onde, de quando em quando,  
Reboam no silencio os urros de um leão.





# RELICARIO

(1885-1888)





## FRAGMENTO DE UMA CARTA

-----

«Vivo aqui neste ermo agreste  
Entre passaros e rozas  
Beijando as letras graciosas  
Da carta que me escreveste.

Quando é madrugada, saio  
Pelos campos orvalhados  
A encher os pulmões cançados  
Com toda a seiva de Maio.

---

---

Manhãs de sol, de um sol de ouro,  
Ceo muito azul, lindo, lindo;  
Moutras em flor sacudindo  
Aves que cantam em côro;

Aves que, de entre as ramadas,  
Dão os bons dias á aurora  
Com a alegria sonora  
De canções que são rizadas.

Sinto o contájo suave  
De tudo que me rodeia:  
Minh'alma palpita, cheia  
De vôos tremulos de ave.

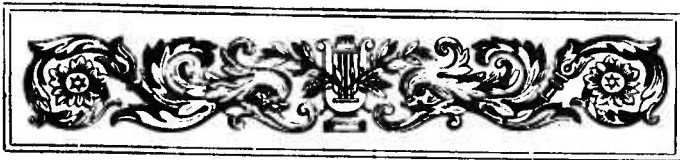
Vim tão triste! E um sopro doce  
De viração perfumada  
Varre a neblina esgarçada  
Dessas tristezas que eu trouce.

Volta-me o sangue... A alegria  
Bróta em meu peito doente  
Como um lírio surpreendente  
Numa caveira sombria.

E espero poder em breve  
— Sadio, intrepido e forte —  
Minha ezistencia depôr-te  
Nessas mãozinhas de neve»...







Era um tronco sombrio,  
Morto de sede á beira da corrente...

Sobre os barrancos ásperos do rio  
Bebia unicamente  
Frescura e seiva, quando o rio erguia  
As aguas turvas, na esploção da enchente.

Mas, então, como o triste revivia !  
Como vingava o pobre tronco, ufano,  
    Numa hora de alegria  
    A tristeza de um ano !

Sofregamente, submerjindo na agua,  
Bebia-lhe a frescura.  
E ao fundo dessa magua  
Núa, infecunda, solitaria, obscura,  
Folhas brotavam, rebentavam flores,  
Reverdecia o tronco...

O' minha pura,  
O' minha doce amada! Em meus amores  
Sou como essa raiz morta de sede  
E que floria de ano em ano apenas.

Raro, raro sucede  
Que raie em minhas penas  
A ventura de vêr-te... Passo a vida  
Triste, auzente de ti, desconsolado...

E basta que eu te veja o rosto amado  
Para sentir minh'alma re florida.







Criança que eu abençoó !  
Tu passas na minha vida  
Como, sobre o mar, o vôo  
De uma alcíone perdida.

Acho sempre o teu carinho,  
Nas maguas mais dolorosas  
— Como petalas de rosas  
Que espalhas no meu caminho.

Quando me abate a coragem  
Vêr, sucumbido e tristonho,  
Esvair-se uma miragem  
No dezencanto de um sonho,

Se ezánime eu tombo, em meio  
Das sombras do meu deserto,  
Ouço-te a voz — e desperto!  
Vejo-te os olhos — e creio!

Sópro de arajem descida  
Do ceu — do ceu que me espera,  
Enches-me os ermos da vida  
De efluvios de primavera...





## ÆTERNUM CARMEN

---

### I

#### UMA FLOR

«Amanhece... No ceu, lá fóra, é madrugada,  
A noute se dilue numa poeira dourada.

Em derredor de mim toda a floresta acorda,  
Sussurra, adeja, esvoaça, agita-se, transborda  
De alegria ruidosa e de vida triunfante.

As aves, ensaiando o vôo titubeante,  
Saltam do ninho fôfo ás tremulas ramadas,  
Espanejam ao sol as azas orvalhadas...

E eu, misera que sou! da sombra em que desvivo,  
Para mal entrever, remoto e fugitivo,  
Num cantinho de ceu um vislumbre de aurora,  
Sonho, desejo, aneio — á espera que a folhagem  
Se entreabra num bafejo inconstante de arajem.

Aves que ergueis o vôo errante ceus em fóra,  
Vós, livres dos grilhões de hastes e de raizes,  
Que adejais gorjeando, afoutas e felizes;  
— Da sombra do meu ermo e do chão do meu brejo,  
Prizioneira e infeliz, aves, eu vos invejo!

Se eu pudesse voar... voar!...





## II

### UM PASSARO

Ai, quem pudéra  
Ir no rastro do sol seguindo a primavera!

Quem te pudéra ver fiel e duradouro,  
Tempo alegre e fugaz das madrugadas de ouro!  
Quando brilhas no ceu, pipilas no meu seio,  
E' um sonho meu olhar, minha vida é um gorjeio...

Passas, e chega o inverno... Amortece o meu vôo.  
Veem as noutes sem fim... O sol que eu abençoô,  
Palido e triste, róla atraz dos montes... Déce  
Funebrenmente a noute. O ceu dezaparece

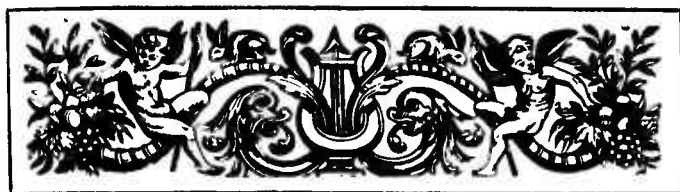
---

---

Na sombra. No silencio e na treva, amedronta  
O uivo dos matagais... Apavorada, tonta,  
Desmaio sobre o ninho; e a sós, triste abandono!  
Sonho sombras de abutre a adejar-me no sono...

O' manhãs côr. de roza e de ouro! quem pudera  
Ir no rastro do sol seguindo a primavera!...





### III

## O SOL

—

Nesta prisão da minha órbita estreita, passo  
Anos, séculos, toda a eternidade!... O espaço  
— Rede de fios de ouro em torno se me enrosca  
Como teia de aranha encarcerando a mosca.  
A minha vida é bem a vida condenada  
De um cativo infeliz numa prisão dourada.  
Pelo tempo sem fim, cansado e solitário,  
Refaço eternamente o mesmo itinerário...  
Se eu pudesse vogar no espaço livremente  
Ir boiando, boiando á toa, na corrente

Branca da Via Lactea !... Ir sempre adiante, adiante;  
E emfim, quando o cansaço acaso me avassale,  
Achar pelo infinito a fóra, ermo e distante,  
Num abismo de sombra o repouzo de um vale...







IV

UM POETA



E' bem vão o teu sonho, alma que tanto sonhas !  
Que importa ? Sonha sempre ! Ha miragens rizonhas  
No deserto da vida. Enganam-te; que importa ?  
Segue-as, vai, arquejante, ezausta, semi-morta,  
Nunca as alcançarás. Embora ! Agonizando,  
Corre atraz delas ! Sonha, e sucumbe sonhando !

.....Ah, se eu pudesse erguer-me  
Sobre a poeira do chão e a miseria do verme,  
Fujir de mim que sou verme e poeira...

Vida,

Dezerto, árido chão de areia resequida,  
A alma sedenta em vão te pede um pouco d'agua...

O sonho, o proprio sonho, é uma fonte de magua!





## RACHEL

Volvo, saudozo e alegre, a este ermo de onde  
Sai criança, e onde não mais volvéra.  
A ultima flor da minha primavera  
Morta, sob estas arvores se esconde.

E inda hoje tudo que com os olhos sonde,  
Arvores, sombra, os muros cheios de hera,  
Tudo lembranças na minh'alma gera,  
Tudo a reminiscencias me responde.

Tudo encontro no mesmo... Não: aquela  
Palmeira em cujo tronco o nome dela  
Tremulamente as minhas mãos gravaram

Perdeu as letras com o correr dos anos...  
E esse nome que os anos lhe apagaram  
Não m'o apagaram da alma os dezenganos.





## SETEMBRO

---

Olá, de volta, primavera!  
E's tu, bem vejo, e se conhece  
No ceu azul que reverbera,  
Na terra em flor que reverdece.

Como um nababo suntuozo  
O sol, que reaparece agora,  
Passa arrastando o magestozo  
Manto de purpura da aurora.

Formozo sol! E' certamente  
A festejar a sua volta  
Que a natureza impaciente,  
A natureza dezenvolta

Garridamente se engrinalda  
De flores — e mostra a riqueza  
Dos seus vestidos de esmeralda,  
Das suas jóias de princeza.

Ar domingueiro tudo assume;  
Tornam-se, á luz do claro dia,  
As flores — cheias de perfume,  
As almas — loucas de alegria.

Sim, isto agora é que é outra couza !  
Sente-se a gente mais a gosto  
Do que por baixo dessa louza:  
— O ceu tristissimo de Agosto.

No inverno a fantazia arrasta  
O vôo — para a sombra negra  
De uma rejião erma e nefasta  
Que luz alguma não alegra.

Meu coração, esse estouvado,  
Que a luz da aurora contamina,  
Sente-se prezo e asfixiado  
Entre as paredes da neblina.

---

---

E enquanto fóra uivam os ventos  
Vergando as arvores -- eu ouço  
Dentro de mim, como lamentos  
No fundo lobrego de um poço,

Gemer na treva um surdo côro  
De imprecações e de blasfemias:  
Vozes de lastima e de chôro,  
Gera-as a sombra e o tédio geme-as.

Mas hoje vóltas, primavera,  
A' terra, verde e refflorida,  
Ao ceu azul que reverbera,  
A' minha vida revivida;

Voltam contigo òs belos sonhos:  
Olho em minh'alma, e julgo vel-os  
Abrindo os calices rizonhos  
Ao sol, com as flores, entre os gelos.

E da alegria a aza travessa  
Vóa pela minh'alma a fóra:  
— Inseto azul que recomeça  
O vôo ao despontar da aurora.

Noiva do sol e minha noiva,  
Minh'alma é, quando estás auzente,  
Como um sepulcro que se engoiva  
De maguas, funerariamente;

E em cujo fundo apodrecido  
O Sonho, ezausto e sem assunto,  
Como um cadaver esquecido,  
Dorme de um sono de defunto.

Mas quando voltas, quando volta  
Ao campo a veste de esmeralda,  
E a natureza dezenvolta  
Garridamente se engrinalda,

Sim, quando a rir surges e tornas,  
Quando, radioza e alegre, assomas  
No ceu, e sobre a terra entornas  
As tuas ánforas de aroma,

Meu coração floresce todo,  
Por ele todos os rizos vêm...  
E eu rio, rio como um doudo,  
E sou feliz como ninguem !





## AOS QUINZE ANNOS

---

Berta, sorrindo e entrelaçando o braço  
No meu, disse-me um dia — «Ao campo!» E fomos.  
Alvorecia a aurora pelo espaço  
E o sol de Outubro purpureava os pomos.

Das trepadeiras sob a laçaria,  
Pela sombra das arvores quietas,  
Berta, jovial como um canario, ria,  
Ria, entre frases soltas, incompletas.

Ora, num gesto rapido, apontava  
Algum arbusto, em cujo tenro galho  
Pouzado, um passarinho espanejava  
Ao sol as plumas humidas de orvalho,

Ora dizia: «Vê como este raio  
De sol, filtrando entre a folhagem, doura  
Como um carinho — o mízero desmaio  
Daquela flor humilde e cismadora...»

E o seu olhar azul e intelijente,  
Limpido como um ceu de primavera,  
Nos meus olhos pouzava, descontente,  
Como quem faz uma pergunta, e espera...

Eu seguia-lhe os passos, distraído;  
E ela sempre a chilrear! Dessa maneira,  
De cada flor dizendo-me o apelidô,  
Ia explicando a primavera inteira.

A's vezes, quando um passaro voava  
Subitamente e com estrondo, o seio  
Para o meu seio Berta aconchegava  
Tremula, a arfar de susto e de receio.

Eu dizia-lhe a esmo alguma fraze,  
E ria quando ela me olhava rindo;  
E nem sentia que o meu labio quaze  
Roçava á flor daquele rosto lindo.

Berta, correndo, inutil tentativa,  
Atraz de um colibri de lindas cores,  
Vendo-o fugir, dizia pensativa:  
«Ha corações como esse beija-flores...»

Eu, distraído, tímido, a seguil-a,  
Mal a escutava: respirava a arajem,  
E vagamente, numa voz tranquila,  
la fazendo a critica á paizajem.

E o seu olhar azul e intelijente,  
Limpido como um ceu de primavera,  
Nos meus olhos pouzava, descontente,  
Como quem faz uma pergunta, e espera...

Voltámos... Pelos múrmuros caminhos,  
Por entre as mesmas sombras deliciosas,  
Cheias dos mesmos canticos dos ninhos,  
Cheias do mesmo bálsamo das rozas,

Berta, as palavras, tímida, continha,  
E quando, agora, tremulo e indecizo,  
Sorrindo o labio se lhe abria, vinha  
Um suspiro entre as rozas do sorriso.

Quando chegámos, murmurou consigo  
(Sim, bem a ouvi!...) «Meu coração, repouza!  
Não pensemos mais nisto...» E, ó meu castigo!  
Eu, desde então, não penso noutra couza!





## A UM VELHO

---

Velho, rezumes a velhice inteira:  
Cançado aproximar do eterno sono,  
Bruxoleio de lampada agoureira,  
Melancolica tarde em ceu de outono;  
Abismo onde a alma cheia de canção  
Dorme, dos dezenganos carcomida,  
E para onde me arrasta cada passo  
Com que tropeço pelo chão da vida.

Vendo-te lembra-me a velhice, ó velho!  
Sombra que foste aurora e primavera,  
Olho-te e vejo como num espelho  
A imagem do futuro que me espera.

---

---

Hade tambem cair, saudoza e calma,  
Sobre o meu dia a tarde merencoria,  
E assistirei morrerem na minh'alma  
Sonhos de amor, aspirações de gloria...

Em ti bem vejo o que hei-de ser, lá quando  
Para o diante, seduções e enganosa  
Da mocidade — forem-me rolando  
A' correnteza rapida dos anos;  
Quando a força vital que hoje me anima  
Fujir-me aos frouxos membros, e eu, no escuro,  
Erguer os olhos pelo ceu acima...  
E não achar nem astros, nem futuro.

Deve ser triste olhar para os caminhos  
Da vida, e ver, na troca das idades,  
Flores transfiguradas em espinhos,  
Esperanças mudadas em saudades.  
Deve ser triste, por um chão agreste,  
Deziludido de iluzões falazes,  
Ir procurando a sombra do cipreste  
Como se fosse um derradeiro oásis...

De que vale viver si a vida é isto ?  
Si se vai no caminho solitario  
Como esse pobre e condenado Cristo  
Subindo a ingreme encosta do Calvario ?  
Ai, corremos atraz de uma miragem,  
De olhos postos no azul do firmamento,  
Para alcançar no termo da viagem  
A morte, e antes da morte o dezalento.

Aves ! Sois mais felizes que noss'alma !  
Rozas ! Sois mais felizes do que somos !  
E vós, arvores, ramos que, na calma  
Do estio, abris os purpurinos pomos:  
O inverno que vos cala e vos desfolha,  
Aves e arvores, passa; o estio volta...  
E a nós não volta uma perdida folha,  
Uma iluzão que o dezengano sólta.

Vendo-te, lembra-me a velhice, ó velho !  
Sombra que foste aurora e primavera,  
Vendo-te vejo como num espelho  
A imagem do futuro que me espera:

Ha de tambem cair, saudoza e calma,  
Sobre o meu dia a tarde merencoria,  
E assistirei morrerem na minh'alma  
Sonhos de amor, aspirações de gloria..







## UMA NOUTE DE D. JUAN

—

MARIA

— Amanhece... Adeus !

D. JUAN

— Criança !

Em vão te assustas... A aurora  
Vem longe ainda, descança !  
E' noute. Vês ? Lenta e calma  
Vai a lua ceus em fóra...

MARIA

— Deixa-me !

D. JUAN

— E' noute; e em minh'alma  
Mais noute se faz ainda...  
Maria! como estás linda!  
E heide deixar-te? Deixar-te!...

MARIA

Sim, por Deus, deixa-me, parte!

D. JUAN

Deixar-te, e seguir sózinho,  
Ir...

MARIA

Mas bem vês que amanhece...

D. JUAN

Ir, orfam do teu 'carinho,  
Do teu beijo que me aquece,  
Do teu olhar que me guia,  
Chorando a minha orfandade...  
Olha, deixar-te, Maria,  
Era morrer de saudade!

Amo-te tanto, e és tão linda...  
Meu amor, beija-me ainda,  
Olha-me, fala-me! A fraze  
Cai do teu labio em meu seio  
Como um balsamo...

## MARIA

— Olha, é quaze  
Dia... Larga-me! Receio  
Que nos surpreendam...

## D. JUAN

— Louca!  
Na roza da tua bôca  
Minha bôca pouza; aspira,  
Sorve-lhe o beijo e o perfume;  
Minh'alma sonha e delira;  
A vida se me resume  
Neste momento de febre...  
E queres que eu fuja! E dizes  
Que eu parta, e mandas que eu quebre  
O encanto, o enlevo, as doçuras  
De alguns momentos felizes  
Numa vida de amarguras...  
Tu gostas de mim, Maria?

MARIA

— Inda o perguntas ?...

D. JUAN

— Então

Que te importa a luz do dia ?  
Que temes, anjo assustado,  
Quando sentes que ao teu lado  
Palpita o meu coração ?  
Boca de tanta doçura,  
Deixa que eu te beije ainda...

MARIA

— Logo, á noute...

D. JUAN

— Mas que infinda

Treva ! Que longa, amargura,  
Um dia sem ti ! Não queiras  
Tornar mais breves, mais curtas  
Estas horas tão ligeiras...  
E' o ceu, o ceu, que me furtas !

Depois... Bem vês, enganou-te  
O crepusculo: as estrelas  
— Douradas, limpidas, belas —  
Dormem no seio da noute.

Cerrado o humido calix,  
Embaladas sobre o galho  
As flores cheias de orvalho  
Dormem na sombra dos vales.

E os insetos multicores,  
Os insetos ignorados,  
Entre sonhos perfumados  
Dormem no seio das flores.

Tu que em meu braço repouzas,  
Olha: o crepusculo etereo  
E' como um veu de misterio  
Cobrindo todas as couzas.

Sim, esta sombra tranquila,  
Erma, profunda, calada,  
E' como gruta encantada  
Em que nosso amor se azila.

Cada ave, sem receio,  
Dorme em seu ninho escondido:  
Deixa que eu durma, aquecido  
Pelo calor do teu seio.

Vês como a lua, perdida  
Em nuvens de ouro flutua?  
Pois o amor é como a lua  
No firmamento da vida.

Amar, ser amado! Rozas,  
Que mais quereis, que ventura  
Quereis, mais do que a frescura  
Das noutes silenciozas?

Roza que tremes no galho,  
Não tremas: viça e prospéra!  
Meus beijos são como o orvalho  
Das noutes de primavera!

Ouve...

MARIA (*tentando fugir*)

— Jezus! amanhece...

D. Juan, D. Juan, por quem és...

D. JUAN (*tomando-lhe as mãos*)

— Ouve, Maria: tu gostas  
De mim... E muito, parece...  
Pois bem, ouve: é de mãos postas,  
E' de joelhos a teus pés  
Que eu te dirijo esta prece:

Vem comigo !

MARIA

— Nunca !

D. JUAN

— O amor  
Chama-te, e impele-te... Vamos !  
A sombra fresca dos ramos  
Cobre as estradas em flor...  
Eu te amo ! Eu te amo !

MARIA

— Estremece  
Toda a minh'alma ferida...

D. JUAN

— Olha: em nossa frente, a vida  
Sorri, esplende, florece...  
Amo-te; o mais que te importa?  
Que importa o que o mundo pense?

MARIA

— O teu carinho me vence,  
( ) teu amor me conforta...

D. JUAN

— Ave, a debil fronte deita  
Sobre o ninho do meu colo!—

MARIA

— Sinto que a vida se estreita  
Neste pedaço de solo...

D. JUAN

— O teu coração lateja...



MARIA

— Só tu na vida deserta...

D. JUAN

— Se é meu labio que te beija !...

MARIA

— Se é teu braço que me aperta !

D. JUAN

— Vamos !...

MARIA

— Não posso... Perdoa !

D. JUAN

— Bem, adeus, já que assim queres,  
Minha vida e meu amor !  
Tu que me amas e és tão boa,  
Tu, a melhor das mulheres,

Minha vida e meu amor !  
Deixas que eu, dezamparado,  
Cáia ferido a teu lado,  
Morra de amor aos teus pés...

*(sacando da espada, num gesto  
teatral de suicídio)*

Para que quero eu a vida  
Sem ti ?...

MARIA *(agarrando-se-lhe ao bra-  
ço e desfazendo-se em  
pranto)*

— D. Juan, por quem és !...

Perdão !

D. JUAN

— Pois choras, querida ?  
Não chores... Eu nem me queixo:  
Sem ti, a vida que deixo  
E' couza pouca, tão pouca !...  
Porque é que choras, Maria ?

MARIA

Choro... Nem sei porque choro.  
Sei apenas que te adoro,  
Sei que te amo como louca...

D. JUAN

— Bemdita a luz deste dia  
Que enfim começa a raiar...  
Rompe a manhã de repente:  
Nem sei se é do sol nascente,  
Se é da luz do teu olhar...  
Vamos!

MARIA

— Perdida de amor,  
Sigo-te... Sigo os teus passos...  
Vamos! — Leva-me em teus braços!  
A sombra fresca dos ramos  
Cobre as estradas em flor...

D. JUAN

— E' dia. Vamo-nos!...

MARIA

— Vamos...  
Sou como a ave ferida  
Que, mal podendo voar,

Veiu, cansada e perdida,  
A gemer e a se arrastar;  
Veiu em procura do ninho,  
Veiu por todo o caminho  
A gemer e a se arrastar...

D. JUAN

— Vamos! Olha que amanhece...

MARIA (*como em delirio*)

—... Veiu por todo o caminho  
A gemer e a se arrastar...  
E chega á beira do ninho...

D. JUAN (*impaciente*)

— Vamos! O sol aparece...

MARIA

— ... E a tremer, e a se arrastar,  
Chegando á beira do ninho...

(*desfalecendo-lhe nos braços*)

Não póde mais... desfalece...





## NA SOMBRA

---

A primavera em flor — todas as flores  
Abrem o calix ao clarão da aurora;  
Do sol nascente aos fulvos esplendores  
Brilham, esplendem pela terra em fóra  
A primavera em flor, todas as flores...

Do ceu na curva, passaros em bando  
Passam florindo o azul com as leves plumas,  
Como num rio, trepidos boiando,  
Rendilhados alvissimos de espumas  
Passam, rapidamente, fulgurando...

---

---

A natureza acorda; a primavera  
Palpita, adeja e canta pelos ramos:  
A luz do sol que as plantas rejenera  
Sonoriza a garganta aos gaturamos,  
Na alma da sombra melodias gera.

E sobre flores, sobre murmurinhos,  
O sol, triunfante, em purpuras flameja;  
Murmura o bosque, infloram-se os caminhos,  
E a alma desperta e novamente adeja  
Por um paiz de flores e de ninhos.

E entre estas pompas com que a aurora tinje  
O esplendor juvenil da natureza,  
Um velho tronco que a velhice finje  
Dorme na sombra, cheio de tristeza,  
Como sombria e solitaria esfinje.

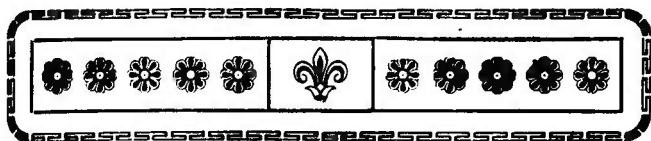
Isto fitando, lembra-me o contraste  
Dolorozo da minha mocidade  
Dos meus vinte anos, pomba que voaste,  
E esta profunda, funebre saudade,  
A saudade imortal que me deixaste.

Tudo o que a mocidade alegre e inflora,  
Sonhos de gloria, aspirações, tudo isso  
Viça, esplende, refulje em minha aurora:  
E unicamente o amor, triste e sem viço,  
Mudo, na sombra, entre sorrisos chora...









## NA PRAIA

---

### I

Vermelha e enorme flor, dezabotoa  
A madrugada as petalas; o outeiro  
A pouco e pouco avulta do nevoeiro,  
Surge, e de cor de roza se coroa.

A passarada surpreendida voa  
E canta; ha sol e azul no ceu inteiro;  
Vê-se na orla da praia o mar fragueiro  
Que ondas sobre ondas rapido amontoa.

Dos turbilhões da espuma que a emoldura  
Uma ilha crece no horizonte; em cima  
Palmas ao vento oscilam e estremecem.

Bordando os ares com a radioza alvura,  
Vãos de uma ave que ora se aproxima  
Ou foge, mostram-se e desaparecem...



## II

Vejo em torno de mim cerrar-se o mundo:  
Uma faixa de areia; o mar adiante;  
Morros atrás; em cima, um ceu radiante;  
Morros em flor, mar verde, ceu profundo...

Mais nada. Apenas, rapido e distante,  
De quando em quando, desse quadro ao fundo  
Alveja e passa o vôo vagabundo  
O incerto vôo de uma garça errante.

Tumultuariamente, em pitoresca  
Dezordem, junto ás ondas se acumula  
A fila dos rochedos, mar em fóra.

Sobre a alvura da praia a sombra fresca  
Dos morros se derrama; e a envolve, e a insula  
No mar de ouro em que o sol despenha a aurora.





A's vezes se me arranca  
Do peito um sonho, e vái  
— Unica pluma branca  
Que a uma ave negra saí —

Pouzar' em ti... E eu cismo:  
Pois sendo amada assim,  
Não poderias, diz-m'o,  
Amar, e amar-me a mim ?

Nem ha lirio nos vales,  
Nem roza, meu amor,  
De cujo humido calix  
Não se derrame olor.

O pequenino inseto  
Nas petalas de um liz  
Repouza o vôo inquieto,  
Esconde-se, e é feliz:

Como ele, bem pudera  
Meu coração tambem  
Sorver a primavera,  
Que essa alma em si contem.

Nem deita unicamente  
O sol — sobre os rozais  
O olhar resplandecente  
De brilhos matinais:

O mesmo claro raio  
Que ás rozas dá fulgor,  
Pouza sobre o desmaio  
Da mais humilde flor.

Aurora enternecida,  
Bem poderá raiar'  
Por sobre a minha vida  
A luz do teu olhar.

Meu coração espera:  
Humilde arbusto em flor,  
Creio na primavera,  
Creio no teu amor !









## MALGRÉ TOI

---

Bem sei o que és: adivinho  
Tua alma cheia de arcanos;  
Sei cada flor, cada espinho  
Que brota nos teus quinze anos.

Em vão, como esconde uma ave  
Sob as azas a cabeça,  
Tu, velando o olhar suave,  
Disfarças a alma travessa.

Debalde sorris ou choras  
Disfarçando o gosto e a magua  
E encobres flores e auras  
Sob os olhos razos d'agua.

Embora finjas, divizo  
Quando és de uma angustia preza  
— Sob as rozas de um sorriso  
O espinho de uma tristeza.

Debalde palavras dizes  
De indiferença — e procuras  
Nublar-me as horas felizes  
De sombras e de amarguras;

Debalde ! Quanto mais fazes  
Por me iludir, mais eu creio  
Não o que dizes nas frases  
Mas o que calas no seio.

Pela minh'alma serena  
Resvala a ironia fatua  
Como os dentes de uma hiena  
No marmore de uma estatua.

Bem sei que o amor se te agarra  
A' alma, e comprime-a com a força  
Com que o pezo de uma garra  
Quebra uns musculos de corça;

Sei que lutas por vencel-o  
E vence-te ele: os ardores  
Da alma — sepultas no gelo  
E o gelo rebenta em flores.

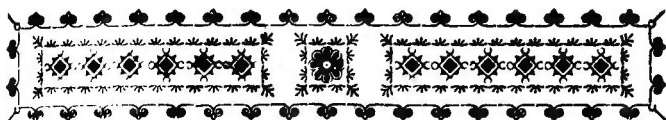
Sei isso, sei tudo... Mentas  
Quando nos meus olhos pouzas  
Teus olhos indiferentes  
Frios, mudos como as louzas:

Sob essa algidez finjida  
Que te enche os olhos discretos,  
Borbulha-te a alma-florida  
De ternuras e de afetos.

E embora, como uma abelha  
Sobre uma flor, frema em volta  
De tua boca vermelha  
A ironia desenvolta,

Sei que sangra no teu peito  
Um coração mal ferido:  
Sangra; e chora de despeito,  
Chora de orgulho vencido...





## CRISTO, CRISTÃO

### I

Era uma velha imajem corriqueira  
--Cristo na cruz, morrendo ensanguentado--  
    Que em sinjela madeira  
    Talhára o genio ouzado  
De algum artista inculto...

No entretanto

Era um primor aquilo:

    Naquele olhar tranquilo  
    E aljofrado de pranto--  
Via-se desfiar todo o romance  
Todo o poema do Cristo lejendario  
    --Dor a dor, transe a transe,  
Na suprema agonia do Calvario.

Como de um negro charco um alvo lírio  
Brotava e esplende, aromático e loução,  
Via-se ali brotar — do escuro fundo  
De um doloroso, trágico martírio,  
Das longas, longas horas da Paixão,  
— O último olhar do Cristo moribundo,  
Aquele olhar que abençoava o mundo,  
Aquele olhar de amor e de perdão...

## II

A palavra sagrada  
Cá do pulpito; em baixo, a multidão  
Escuta concentrada  
O apóstolo cristão.

O padre fala em nome de uma doce  
Religião de amor e caridade,  
Dessa que o bom Jesus nos lábios trouxe,  
Como um bálsamo, á velha humanidade.

Cita frases do méigo Nazareno;  
Um vago misticismo  
Enche-lhe o olhar dulcíssimo e sereno.  
Sente-se-lhe nas frases e no olhar  
A alma tranqüila do cristianismo...

E a multidão magnetizada sente.  
Cafri-lhe na alma a crença lentamente  
Como um vago diluvio de luar...

### III

Depois da apoteóze  
A acuzação; depois do santo, o sabio;  
Depois do crente, o hereje... E desse labio  
Ha pouco manso, jorra agora e esploze  
Medonhamente a colera bravia.

Ele, que repetia  
Doces palavras do Jezus piedozo,  
Discursa agora de um castigo eterno,  
De um vingativo Deus, Deus pavorozo  
Que armou a Igreja com o terror do Inferno.

Fala de impios; e brame  
Um uivo de tormenta  
Em cada fraze sanguinoza e infame  
Com que fulmina as fêras do ateismo.

Sorri-lhe a idéa benta  
De um tenebrozo abismo  
Que, antes do Inferno, devorasse ateus:

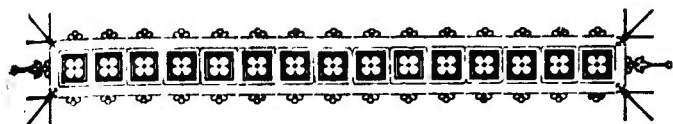
A' idade-media inveja a Inquizição...  
Ah! não haver um carcere cristão  
Onde apodreçam hoje os Galileus!

## IV

E a um canto, abandonado,  
O Cristo solitario  
Refletia no olhar amargurado  
A tristeza das horas do Calvario...







## MARINHA

---

### I

Eis o tempo feliz das pescarias — quando  
Maio aponta a sorrir pela boca das flores.  
Derramam-se na praia as gaivotas em bando...  
Alerta, pescadores !

Crepusculeja ainda a aurora, mas quem pesca  
Deve esperar o dia entre as ondas — enquanto  
Sopra enfunando a vela a matutina fresca  
E o sol não queima tanto.

Mulheres, fazei fogo! Ao alcance do braço,  
Mesmo á porta do rancho a maré poz a lenha.  
Aprontai o café! Vibra já pelo espaço  
A buzina roufenha.

Peixe na costa! O avizo erra de fragua em fragua,  
Chama de rancho em rancho ós pescadores. Eia!  
As canoas estão ainda fóra d'agua  
Encalhadas, na areia:

Prestes, decei-as! Ide apanhar ás estacas  
A rede. Ide-a colhendo ás pressas; colocai-a  
Na canoa. Decendo agora nas ressacas,  
Isso, fóra da praia!

E é remar, é remar para o largo... As crianças  
E as mulheres, em terra, esperam aguentando  
O cabo que por sobre o azul das ondas mansas  
A rêde vai largando...

## II

Dous canoeiros, de pé sobre a canoa, soltam  
De chumbada em chumbada o aparelho, a compasso.  
Em meia-lua, eis toda a rêde nagua... Voltam...  
E agora, é mão na corda e sustancia no braço!

Puxa! Aos poucos, da praia a rêde se aproxima  
Força! O cardume é grande. Aperta, gente guapa!  
Saltam já peixes... Puxa! ou, saltando por cima  
Das boias de cortiça, o peixe todo escapa.

Vá, quem sabe nadar meta-se nagua, e nade;  
Vença a arrebentação, e, erguendo a mão bem alta,  
Suspenda o mais que possa as boias... Em verdade  
E' lastima perder todo o peixe que salta.

Agora, sim... Debalde o cardume aterrado  
Sentindo o chão subir, vem á flor d'agua, vêde!  
Afunda, surge, salta; em frente, em cima, ao lado,  
Por toda a parte, nagua e no ar, encontra a rêde.

E numa ultima onda, e num ultimo arranco,  
Alucinadamente investe a praia; anceia  
No chão; bate-se; cái ezausto; chato e branco,  
Fica faiscando ao sol e arquejando na areia..

Venham os samburás de largo bojo e guela  
Estreita. Encham-nos. E' serviço. Mãos á obra!  
O lanço foi feliz. Deu bem para a panela...  
A cada pescador cem tainhas. E ha sobra.



## III

Logo, rolos de fumo a espaços deenhados  
Na transparencia do ar muito azul, anunciam  
Que arde o fogo tostando os tassalhos salgados,  
E que as panelas chamam.

E dentro em pouco, cheio o estomago, tranquila  
A alma, vêm-se abeirando os ranchos, sobre esteiras,  
Homens dormindo, enquanto, abanando-os, oscila  
O leque das palmeiras.

Arde o sol. Lonje, o ceu intermino se azula.  
O mar, que leve briza encrespa, o dorso alonga  
Para o horizonte. No ar, a trechos, estridula  
Um grito de araponga.

---

---

Brincam alegremente as creanças, ás soltas;  
Gritam e adejam, como as maitacas, em bando;  
E vêm-se ao vento e ao sol cabeleiras revoltas  
Flutuando, esvoaçando...

Agrupados no emtanto á sombra, encanecidos  
Pescadores de outrora alembrem com saudade  
As pescarias, os mil feitos destemidos  
Da sua mocidade:

Narram-se mutuamente historias de hediondas  
Lutas; cada um os seus triunfos alardeia...

.....  
E escuta-se o rumor monotono das ondas  
Quebrando-se na areia.



# AVULSAS

(1889-1895)







## TRES AMORES

### I

Douda esperança fôra, se a tivera  
A de possuir-te, ó bem que não se alcança,  
Inacessivel bemaventurança  
Que o meu dezejo sonha e não espera !

Este infeliz amor se dilacera  
A si mesmo; e não morre, e não descança:  
Sofre, e treme do alivio que a mudança  
Do mal — em bem talvez peor — trouxera.

Sim, nó meu triste cazo, confundidos  
Se encontram, sem remedio e sem socorro,  
O bem e o mal, do afeto e dos sentidos;

Eu de mal para mal por força corro:  
Ou matam-me os desejos mal vencidos,  
Ou cedes, venço, e te desgraço, e morro.

\*  
\*            \*

Toda a tua beleza a um lado ponho,  
Toda a tua candura de outro lado:  
Meu pobre coração, dezatinado  
Hezita, a balançar de sonho a sonho.

Que é que mais amo em ti ? Tudo. Eu oponho  
Tua propria inocencia ao teu agrado...  
Nem veja eu nunca as manchas do pecado  
No marmore divino com que sonho !

E's tu, de rosto lindo e de ar modesto,  
A que a meus olhos sempre se afigura  
Perfeita, em cada linha, em cada gesto;

Alucina-me a tua formozura...  
Mas eu não posso ser sinão honesto  
Porque não posso amar-te sinão pura.

\*

\*

\*

Pura de toda a mácula te veja  
Eu sempre; e sofra e chore, desterrado  
De todo o bem, o amor desasizado  
Que quer tanto e nem sabe o que dezeja.

Eu tão ferido estou desta peleja  
Comigo mesmo, e tão dezabusado,  
Que me entrego, e submisso, é desgraçado,  
Aceito o mal que a minha sorte eleja.

A minha vida desvivida, pago-a  
Por mais do seu valor: não vale nada,  
E tanto custa em desespero e magua!

Amo-te... E em toda a vida, ó minha! amada!  
Só te hei de ver com os olhos razos d'agua  
— Ou pura e de outro, ou minha e deshonrada.



## II

Tinha momentos amargos  
Teu amor, que era tão doce;  
Nem posso dizer que fosse  
Tudo ceu naquele ceu...  
Deu-me carinhos e zelos,  
Gozo e lagrimas... Comtudo  
Sinto saudades de tudo  
De tudo que ele me deu.

Tu eras uma rozeira  
Que eu topara no caminho;  
Quem não perdoa um espinho  
Pelos encantos da flor ?  
Depois... caprichos, arrufos,  
Eram apenas o ensejo  
De mais sabor em teu beijo  
E mais viço em meu amor,

Temí esse amor tão grande,  
Tão forte, tão excludivo,  
Que me tornava cativo  
Dos teus caprichos sem lei.  
Tentei do seio arrancar-o;  
Mas vejo, por minhas penas,  
Que ele não foi, foi apenas  
Meu coração que arranquei.

Certo venci com deixar-te  
O encanto que me encantava  
Quando tinha a vida escrava  
Dos teus braços na prizão;  
Mas... Nesse *mas* se resume  
Tudo que sinto e não digo,  
Hoje que sofro o castigo  
De ter cedido á razão.

Fechado para o teu beijo,  
Perdeu meu labio o sorriso;  
Pouco monta, que eu preciso  
Não sorrir, porém chorar.  
Nem sei de bem pela terra  
Que mereça algum empenho...  
Olhos, porque os inda tenho  
Se já te não hei de olhar ?

Ai, como é ermo o dezerto  
Do nosso leito vazio!  
Como eu agora avalio  
Bens que por gosto perdi!  
Como são tristes ás horas  
Desde que já te não vejo,  
E o meu amor sem teu beijo,  
E a minha vida sem ti!



## III

Penso ás vezes em ti, formoza, que me déste  
Tantas noites da alegre insonia do pecado,  
E que dormes agora á sombra de um cipreste  
Na solitaria paz de um sono abandonado.

Tinhas o amor ardente e a fantázia louca;  
Eras linda; teu corpo inflamava dezejos;  
E em torno do botão de roza de tua boca  
Palpitava o faminto enxame dos meus beijos...

Morta, que resta pois do que foste ? Da chama  
Desses olhos que em tanto olhar de amor arderam,  
De tua carne em flor, que apodreceu na lama,  
Dos labios que eu beijava e que os vermes roeram ?

Que resta, pois, de tudo o que tu foste? Nada!  
Ou, pior do que nada, alguma couza resta:  
Da alvura do teu corpo a nudez de uma ossada,  
Da febre do meu sonho uma visão funesta...

Sim, debalde enterrei na tua cova aberta  
Meu malogrado amor, que morrera contigo,  
E procurei varrer de minh'alma deserta  
A lembrança do que ficára em teu jazigo...

Abandonei-te á morte e voltei para a vida.  
Porque eu amára em ti a formozura e a graça,  
E não quiz disputar á fome desvalida  
Dos vermes — seu quinhão no pó de uma carcassa...

Porque, pois, quando, á noite, eu, coração vencido,  
Sinto o cansaço de um viver tão só, tão lento,  
Surges diante de mim, fantasma forajido  
A' tua sepultura e ao meu esquecimento?

Surjes, núa, a estender-me o descarnado braço  
Para me oferecer, restos do antigo afeto,  
O teu leito de terra imunda ao meu cansaço  
E a um cadaver de amor, o amor de um esqueleto...



Vens abraçar-me... Como os teus braços são frios !  
Olhas-me, e tremo; vens beijar-me, e eu sinto e vejo  
Que em tua boca muda e em teus olhos vazios  
Teu olhar é uma sombra, é uma sombra o teu beijo...

Vai-te ! e não venhas mais perseguir-me na vida  
Com teu amor de morta e o teu corpo de gelo;  
Vai-te ! Esquece que amaste e que foste querida...  
Nesse amor só me atrái o gosto de esquecer-o.

Nos teus lábios amei o rizo, o beijo, as frases,  
No teu leito de amor, tua carne trigueira...  
Esquecer-te é perdoar-te o lodo em que tu jazes  
E a tua boca, horrenda e inútil, de caveira.

Triste lembrança, a dos meus desejos extintos !  
Eu preciso esquecer-te, esquecer-te de todo:  
Quando relembro o ardor dos meus beijos famintos  
Sinto nos lábios como um resaiço de lodo...

Vai-te ! Longe de mim ! Longe de mim, carcassa !  
Absolvo-te esquecendo ! Absolvo-te olvidando  
Que foste um dia o amor, a formozura e a graça,  
E que te amei sorrindo, e te perdi chorando.





O' coração, corcel bravio  
Que assim me levas  
Num desvario  
Por estradas que a noite enche de trevas!  
O' coração, corcel bravio,  
Onde me levas ?

Na furia desta desfilada,  
Nesta corrida  
Dezordenada,  
Abri os olhos tontos para a vida...  
O' coração, onde a parada  
Desta corrida ?

A noite é negra, o ceu fechado;  
Em vão o escuro,  
De lado a lado  
Sondar com os olhos ávidos prócuro...

---

---

Haverá mesmo um ceu — fechado  
Por este escuro ?

O' coração, corcel bravio,  
Que assim me levas  
Num desvario  
Por estradas que a noute enche de trevas;  
O' coração, corcel bravio,  
Onde me levas ?

Ninguém passou por onde passas,  
Trilhas na vida  
Novas desgraças;  
A dor que sentes nunca foi sentida...  
São tão diversas as desgraças  
De cada vida !

O teu galope que me arrasta  
O chão devora  
Por esta vasta  
Solidão de uma noute sem aurora...  
O' coração, paremos ! Basta,  
Repouza agora !

Não! O destino condenou-te  
A ir avançando  
Na vasta noute...  
Ashavero perdido e miserando,  
Has-de — o destino condenou-te! —  
Morrer sonhando.







Julgas-me ingrato... Seio-o  
Não porque m'o disseses,  
Mas porque ao fundo desses  
Maguados olhos leio.

Fujo-te, é certo... E choro;  
Choro... mas não me queixo...  
Sofro porque te deixo,  
Fujo porque te adoro!

Calei. Fiz mal, confesso.  
Hoje, não mais te iludo:  
Tudo direi; sim, tudo  
Quanto por ti padeço.

Direi que te amo... E' pouco:  
Quero, leão vencido,  
Dizer-te num rujido  
Que te amo como louco!

Sim, amo-te! E adivinho  
Que sou amado; e vejo  
A roza de teu beijo  
Aberta em meu caminho;

Em minha frente, sei-o  
Abre-se o paraizo...  
Que aurora, o teu sorrizo!  
Que terra em flor, teu seio!

Oázis que tão perto  
Me esperas e eu evito,  
Eu, nómade maldito,  
Volto para o dezerto.

Porque? Porque aterrado  
Eu, fraco, eu, pequenino,  
Sinto que o meu destino  
E' um mar encapelado



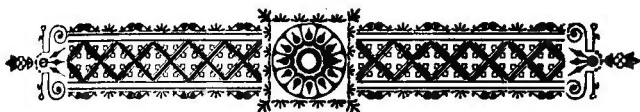
Onde, visão hedionda !  
Tudo que eu amo passa  
Num sopro de desgraça  
Rolando de onda em onda.

E hei de flar das aguas  
Tu'alma bem querida,  
E associar tua vida  
Ao meu quinhão de maguas ?

Olha: Deus te proteja  
Da sorte que me arrasta.  
Sou infeliz... e basta  
Que um de nós dous o seja.







Alma feita de amor e de bondade,  
Corpo cheio de encanto e de carinho,  
Não tentes desfolhar no meu caminho  
A ingenua flor da tua mocidade.

Arréda-te de mim... Não te apiede  
A voz de magua, a queixa, o murmurinho  
De alguns versos em que eu, ave sem ninho,  
Canto as melancolias da saudade.

Demais te quero para dezejar-te;  
Um duplo amor meu coração ardente  
Em dois pedaços deziguais reparte:

No mais pequeno, uivam dezejos vis;  
O outro, maior, muito maior, sómente  
Sonha a ventura de te vêr feliz.





## RIMANCE

---

O meu vizinho, coitado,  
Vejo-o tão magro e sem cor...  
Morre; morre envenenado  
De romantismo e de amor.

Vendo-lhe a fronte abatida,  
O olhar profundo e tristonho,  
Adivinha-se-lhe a vida:  
— Longa noute de um mau sonho.

Vive escondido e soturno  
— Sobretudo em fins de mez! —  
Como um passaro noturno  
Ou um misántropo inglêz.

Fóje aos descampados largos;  
Tudo que é luz e alegria  
Provoca-lhe éstos amargos,  
Revolta-lhe a alma sombria.

Si acaso sái campo em fóra,  
O sol enche-o de furor:  
Diz dezaforos á aurora,  
Questiona com cada flor.

Ele acha o sol indecente;  
E ao sol entreabrindo o calix  
A flor, evidentemente,  
E' a Messalina dos vales...

A' noute, ele busca a sombra  
Dos bosques, fugindo ao luar;  
Sobre a humidade da alfombra  
Senta-se, e põe-se a cismar.

Entre as folhagens, avista  
Os astros do ceu distante;  
E como ele é alchimista,  
E como ele é nigromante,

Lê nas estrelas quietas  
E arranja combinações  
Formando frases completas  
De astros e constelações.

Numa escura magua hedionda,  
O coração se lhe abisma,  
E, como flor de onda em onda,  
Flutua de cisma em cisma.

Pensa, fulo de despeito  
E ardendo de indignação  
Que, neste mundo mal feito,  
Lhe coube um reles quinhão.

Todo um sistema imagina  
De reformas do universo:  
Ajusta, mede, combina,  
E refaz o mundo... em verso.

A aurora vem encontrá-lo  
Palido, ezausto, dando ais.—  
A voz alegre do galo  
Vibra já pelos quintais,

E ainda ele, em versos de amores  
Rimas difíceis ensaia,  
Enquanto riem-se as flores  
E os passaros dão-lhe vaia.







## CANTIGAS

---

### I

Amor de que nada espero,  
Amor de que temo tanto,  
Sinto-lhe o perfido encanto,  
Devo fugir-lhe, e não quero.

Tão linda e tão caprichosa,  
Feiticeira... feiticeira...  
Tens encantos como a roza  
E espinhos como a rozeira,

Sei que me perco seguindo  
Por este rumo e este norte:  
Mas o caminho é tão lindo...  
A tentação é tão forte...

Que eu me entrego sem alento,  
A' sedução dos teus olhos  
Como um barco cede ao vento  
Que o leva para os escolhos...



## II

Sobe o sol? A noute déce?  
Dia ou noute são-me iguais:  
Quando chegas, amanhece,  
Fica noute se te vais.

Os meus olhos são de cégo  
Para o que de ti se aparte:  
Só em te ver os emprégo,  
Mal me bastam para olhar-te.

Gorjeie o sabiá gemendo  
Nas aroeiras em flor:  
Não o escuto nem o entendo,  
Que só sei do meu amor.

Que entenderá no ezajêro  
Das queixas dos infelizes  
Quem ama como eu te quero  
E escuta o que tu me dizes ?

Sei que ha rozeiras viçozas  
Porque, com os olhos em ti,  
Vejo cobrir-se de rozas  
Um labio que me sorri.

Seja Abril ou Junho, quando  
Eu estou á tua espera,  
Assim que tu vens chegando  
Principia a primavera...



## III

Eu sou como aquela fonte  
Que vem tão triste, a chorar,  
Déce da encosta do monte,  
Corre em procura do mar.

Perdição da minha vida,  
Meu amor! bem compreendo  
Onde vou nesta decida...  
E vou chorando... e decendo...

Pobre fonte! Emfim baqueia  
Na vargem, sempre a chorar:  
E turva, turva de areia,  
Corre... corre para o mar...

Perdição de minha vida,  
Amor que me vais levando,  
Terá fim esta decida ?  
Hade ter... Mas onde ? e quando ?

Com pouco mais que descaia,  
Lá vai a fonte parar:  
Chega na beira da praia,  
Morre nas ondas do mar...





Deixa que eu te fale, deixa  
Que o meu verso dolorido  
Vá murmurar-te uma queixa  
No ouvido.

Eu te amo tanto... Perdoa!  
Por mais que a recalco e esmago-a,  
Foje, abre as azas e voa  
A magua.

Já bastante me atormento  
De amar e não ser amado;  
E calar é sofrimento  
Dobrado.

Os amores infelizes  
— Tristes rozeiras sem rozas —  
São como aquelas raizes  
Teimozas

Que um vaso estreito encarcera  
E que, num sonho constante,  
Aspiram á primavera  
Distante:

Crécem, a terra solapam,  
E, do vaso que partiram,  
Por entre as frinchas escapam,  
Respiram...

Assim o amor sem ventura  
— Raiz na terra escondida —  
Abafa, anceia, procura  
Saída...

Sei que de balde te estendo  
A mão, a mão de mendigo:  
Ouves sorrindo o que eu digo  
Gemendo;



Bem sei..., E si em voz maguada  
Assim te digo que te amo,  
Eu que nada espero, e nada  
Reclamo,

E' que demais me atormento  
De amar e não ser amado,  
E calar é sofrimento  
Dobrado.







## A BEIRA MAR

---

Garça livre e feliz, feliz e errante,  
Que abrindo no ar o alvor das azas leves  
Rápido vôo destemida atreves  
Sobre as ondas do oceano palpitante;

Vôa, atravez do espaço, mais distante  
Se estenda e alongue a curva que descreves;  
E alem dos mares, no paiz das neves  
Vê minha loura e fujitiva amante.

Vê-a! goza, embebéda-te de vel-a!  
Sonha, estaziada ante o fulgor de estrela  
Que o seu olhar suavissimo irradia;

Morre de amor depois... Morre sonhando...  
Garça feliz que pódes ir voando  
Sim, ir, voando, em póz dessa agonia!





## HINO ÀS MÃES

(ESCRITO PARA SER CANTADO PELAS PEQUENINAS ALUNAS  
DE UMA ESCOLA)

---

Mães, que as nossas tenras almas  
— Da vida ao primeiro albor —  
Abristes e borrifastes  
Das orvalhadas do amor;

Vós, que nos fizestes boas,  
Vós, que nos fizestes crentes,  
Que aos corações nos semeastes  
Virtudes alvorecentes,

Salvé, Mães! sêde bemditas  
Como sois amadas! Nós  
Amamos e bemdizemos  
Como aprendemos de vós.

E tudo que nós pensamos,  
E tudo que nós sentimos,  
São como os écos suaves  
Das frases que vos ouvimos.

Vossa ternura infinita,  
Vossa infinita afeição  
Caíram em nossas almas  
Como a semente no chão.

Ah, é porisso que agora  
Podeis bem vêr as primicias  
Das nossas almas — brotadas  
De afetos e de caricias.

Salvé, Mãis ! Sêde bemditas  
Como sois amadas ! Nós  
Amamos e bemdizemos  
Como aprendemos de vós.









## OLHANDO O MAR

---

Anoutecera apenas...

O ceu azul cobrira-se de estrelas,  
E a cismadora lua em meio delas  
Vinha, como uma roza entre assucenas.

Estavamos em frente

Do mar que apenas ondulava; fraca,  
De manso, pela areia, a alva ressaca  
Vinha e voltava preguiçosamente.

Ela, sobre o meu hombro,  
Pondo a mão, e em meus olhos pondo o olhar,  
Disse-me: «Cauza o mais estranho assombro  
A tristeza da noute junto ao mar.

«Dá-me vertijens á alma,  
Arrebata-me o espirito suspenso  
Ver a noute pairando imensa e calma,  
Sobre o abismo do mar, profundo e imenso.

«Dorme a praia ao relento:  
Beija-a de leve o mar que arfa a seu lado;  
E em cima resplandece o firmamento  
Como o docel de um leito de noivado.

«Assim tão calmo e doce  
Tudo parece — a nos fazer supôr  
Que o mundo inteiro talvez mais não fosse  
Que um ninho feito para o nosso amor.

«No entanto, basta um pouco  
De vento: o ceu se turva, o mar se alteia,  
E succede ao marulho o grito rouco  
Dos vagalhões torcendo-se na areia.

«Mesmo tranquilo, assombra  
O mar: finge-se manso, enternecido;  
Mas dentro dele embosca-se na sombra  
Um coração raivozo de bandido,

«Apavóra e entristece  
Mesmo cantando ao luar, meigo e gentil:  
A cólera se òculto dentro desse  
Repouzo — como a féra no covil.

«Vendo-o, penso que a vida  
E' assim tambem, traiçoeira como as aguas;  
Que arfa sob a nossa alma adormecida  
Todo um abismo de profundas maguas.

«O' praia que te enlevas  
No mar que canta á luz dos astros de ouro !  
Subito, vê-te mergulhada em trevas,  
Batida de ondas, afogada em choro...»

Nisso, alvejou a vela  
De um navio passando no alto mar;  
E eu disse erguendo os olhos para ela  
E repouzando-os no seu doce olhar:

«— Não! A noute estrelada  
Sobre a praia deçerta e o mar tristonho,  
Abre em nossa alma, leve e consolada,  
As duas azas misticas do sonho.

«Vê; alem se dezenha  
A alvura de uma vela que se afasta;  
Palpita á viração, foge e se embrenha  
No azul da noute luminoza e vasta...»

---

---

«— E é tão triste! Parece  
Um sonho que nos deixa, uma ilusão  
Que vai fujindo... e que se desvanece  
Do nosso olhar, do' nosso coração...

«— Enganas-te, criança!  
Esse afastar de um barco fujitivo  
Disperta pensamentos de esperança,  
A alma consola como um lenitivo:

«Ah, deixamos um dia  
A terra; para longe velejamos  
De toda a magua que nos agonia,  
Sim, das lagrimas todas que choramos;

«Afasta-se nossa alma...  
Foje... E como essas palpitantes velas,  
Embrenha-se no azul da noute calma  
E vai perder-se em meio das estrelas...»





## MADRIGAL

---

Amanhece. No ceu desestrelado  
Raia o sol de Janeiro  
Rubro como um inglez enconhacado.

A cópa do jambeiro,  
Cheia de flores e de frutos de ouro,  
Treme na tençe transparencia do ar...

O' moça do cabelo fino e louro,  
Anda, tóca a acordar!  
E' dia... Vamos ambos  
De braço dado, pelo campo em fóra,  
Gozar a fresca, o aroma, a luz da aurora,  
E, bucólicamente, apanhar jambos.

Vem, que o dia começa,  
Vem, que tudo desperta.  
Deita fóra a coberta,  
Salta da cama e veste-te depressa.  
Ha cá por fóra um belo sol fagueiro,  
E um excelente ar puro;  
Muito beijo em meu labio, e, no jambeiro,  
Muito jambo maduro!

Eu sei que ezatamente  
Quando o dia alvorece  
E' quando mais á gente  
O calor das cobertas apetece...  
Mas domina a preguiça, o frio arrosta,  
Vem dar um giro aqui pelo pomar:  
E verás como ficas bem disposta  
E o apetite que tens para almoçar...

Cá estou á tua espéra,  
E não saio daqui nem que me rachem.  
A mim pouco me impórta que os passantes  
Parvo, anacrónico e rizivel me achem.  
Anda agora esta linda primavera  
Fazendo cóçega á alma dos amantes:



E é natural que um homem que namóra  
Sinta bater o coração agora  
Mais, muito mais do que antes.

O estar assim pregado á tua porta  
Como um cão vigilante  
Acorrentado no portão de uma horta  
— E' disfrutavel, é mirabolante,  
Hade fazer-me creditos mesquinhos  
Aos cem olhos da austera visinhança...  
Mas quem só com o que é seu dá lastro á pança,  
Manda á fava tranzeutes e visinhos.

Eu mando tudo á fava;  
Tudo dispenso: o teu amor me basta;  
— O' dona dessa cabeleira flava  
E dona desse olhar indiferente!—  
Ai, o que me incomoda — é, unicamente,  
Seres tão preguiçosa quanto casta!

Vem! deixa-te de historias!  
Ai, que linda manhã de primavera!  
Deixa a cama e cobertas accessorias!

Vem cá para o pomar onde te espera  
Tanto jambó, e meu beijo!

Formosíssima Antonia!  
Acorda e vóá para o meu desejo...  
Nem é bonito que tão bela dama  
Despreze o amor de uma pessoa idonea  
— Pelo calor da cama!





Que não desseis ouvidos aos meus ais,  
Vá lá; couza é sabida e lei antiga:  
Não raro o dezamor a amor castiga  
Pois ser amado e amar não são iguais.

Mas vós, minha senhora, inda levais  
Mais lonje o cazo: em voz que me fustiga,  
Em voz cheia de tédio e de fadiga,  
De que vos importuno vos quêixais.

Tomai quanto vos cabe: o vosso é vosso,  
Desdenhai-me á vontade... O que não posso  
E' consêntir que me esbúlheis do meu:

Caiba a queixa a quem sofre o maior dano;  
Tendes o enfado, eu tenho o dezengano...  
E se vós vos queixais, que farei eu ?





*...Se não fôra  
Para tão longo amor tão curta a vida.*  
CAMÕES.

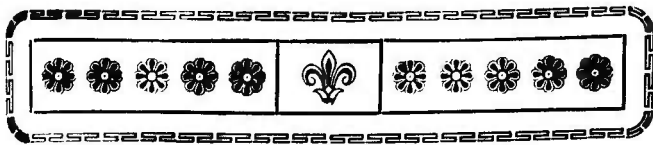
Quando partiste, em pranto, descorada  
A face, o labio tremulo... confesso:  
Arrebatou-me um verdadeiro acesso  
De raivosa paixão dezinada.

Ia-se nos teus olhos, minha amada,  
A luz dos meus; e então, como um possesso,  
Quiz arrojarme atrás do trem espresso  
E seguir-te correndo pela estrada...

«Nem ha difficuldade que não vença  
Tão forte amor!» pensei. Ah, como pensa  
Errado o vão querer das almas ternas !

Com denodo, atirei-me sobre a linha...  
Mas, ao fim de uns tres passos, vi que tinha  
Para' tão grande amor bem curtas pernas.





Senhora minha, pois que tão senhora  
Sois, e tão pouco minha, eu bem entendo  
Que sorrindo negais quanto, gemendo,  
Amor com os olhos razos d'agua implora.

Meu coração, coitado, não ignora  
Que num sonho bem vão todo o dispendo  
E é sem destino que assim vai correndo,  
Cançadamente pela vida a fóra.

Dizeis do meu amor que é couza absurda,  
E ele, teimando, faz ouvido mouco;  
Nem ha razão que o desvaneça ou aturda.

Não o escutais? Nem ele a vós tão pouco.  
Que, se sois surda, inteiramente surda,  
Amor é louco, inteiramente louco.







## MEDIEVAL

---

Noute, alta noute. Solitaria, a lua  
Vai pelo ceu lonjinguo errando á toa  
Como Ofelia boiando, loura e nua,  
Na agua plácida e azul de uma lagoa.

Rude, féro gigante afeito á crua  
Guerra, o castelo, no alto que coroa,  
Dorme o sono da paz dentro da sua  
Armadura de pedra, forte e boa,

Fóra, em baixo, na sombra, um pajem louro  
Canta. Canta de amor, numa voz de ouro:  
Alguem o ouviu. Abriu-se uma janella.

Pendem do muro os fios de uma escada...  
...E a derradeira nota da balada  
Morre, num beijo, sobre os labios d'Ela.





## O ULTIMO CIUME

---

Volveste, moça e linda, á terra desdenhoza  
Que indiferentemente, aniquila, amalgama  
Na mesma confusão anónima da lama  
— Encantos de mulher ou petalas de roza.

Os teus encantos... Onde hoje andarão dispersos ?  
Nem haverá talvez imunda larva que ame  
Os restos do que outr'ora alvoroçava o enxame  
Dos meus sonhos de amor num turbilhão de versos.

Hoje, tornada em seiva, absorvem-te as raízes.  
Ai, sorrisos em flor dos teus dias felizes,  
Beijos que eu dezeitava e tu nunca me deste!

Esse corpo gentil negado ao meu desejo  
Guardaste-o, puro da mácula do meu beijo,  
Para servir de pasto á fome de um cipreste...



## DA CARTEIRA DE UM DOUDO

Numa cova bem funda, em sitio agreste  
E solitario, junto  
Das severas raizes de um cipreste,  
Meu coração deitei como um defunto.

Lá o deixei. Estroina impenitente  
Que hoje a prisão de um tumulto encarcera,  
Lá jaz, enfim acomodado e auzente,  
Apodrecendo em paz á minha espera.

E descancei, por algum tempo ao menos,  
Desse incomodo, pessimo aliado  
Bebedo sempre e nunca saciado  
Do acre sabor de todos os venenos.

Por longos anos de fragilidade  
Aturei-lhe a estroinice de devasso:  
Bebedeiras de amor a cada passo,  
De quando em quando orjias de bondade...

Sentia como propria a mais pequena  
Desgraça alheia; e assim, de quando em quando,  
Metia-se em funduras, esbanjando  
Uma fortuna em lagrimas de pena.

E, quanto a amores, era um vagabundo,  
Era um romeiro eterno, escandalozo,  
Que ia de porta em porta pelo mundo  
Cantando lóas e pedindo pouso.

Um mendigo, afinal! Com que despejo,  
Com que lamúrias, com que voz aflita  
Ia, tentando a esmola de algum beijo,  
De boca em boca de mulher bonita...

Como alguns têm o vinho turbulento  
As vezes, outras vezes choraminga,  
Tinha: ele o amor, digamos — tinha a pinga —  
Conforme o rumo com que vinha o vento.

Amando sempre, o amor dezabafava  
Em ais de magua, em gritos de esperança,  
Ora arrulhando como pomba mansa,  
Ora rujindo como fera brava.

Quantas compridas noutes eu, caíndo  
De sono e de canceira no meu leito,  
Não o aturei a martelar-me o peito,  
Na agitação de um mar enfurecido...

E quanta vez não dezejei ser surdo  
Quando esse louco, em surtos de eloquencia,  
Me fazia a estafante confidencia  
De algum sonho de amor, suave e absurdo!

Como era facil, e ezijia apenas  
Das mulheres que achava, encantadoras  
Uma alvura de marmore nas louras,  
Um rozado de jambo nas morenas,

Nunca lhe escasseou terreno azado  
E nunca lhe faltou tempo propicio  
A' cultura intensiva do seu vicio  
— Do seu vicio de amar sem ser amado.

Porque amado não foi... E o mais terrivel.  
Dos seus defeitos como dos meus males  
Era esse de transpor montes e vales  
Correndo atraz de um bem inacessivel...



Como no largo mar uma canoa  
Abandonada ás furias da procela,  
Roto o leme, sem rumo, sôlta a vela,  
Vai de onda em onda velejando á toa;

Ele, de dezengano em dezengano  
Como de vaga em vaga sacudido,  
Sempre burlado e nunca esmorecido,  
Amava á toa, e amava a todo o pano...

Era um doudo, afinal. E assim seguia  
Pela vida, ora alegre ora tristonho,  
Cada noute sonhando um lindo sonho,  
Chorando um sonho morto cada dia...

E eu, as horas da minha mocidade,  
A seguil-o esbanjei uma por uma.  
Ele era doudo. Eu o seguia... Em suma  
Eramos dous malucos de verdade.

---

---

Mas um dia a aventura foi mais louca:  
Bateu por ti... A acompanhar-lhe os passos,  
Sonhei teu corpo arfando nos meus braços  
E teu beijo florindo em minha boca.

Ai, assim seduzido e deslumbrado,  
Eu deixei-me levar, alma perdida;  
Nunca senti tamanho amor na vida...  
Olha que nunca fui tão desgraçado!

Como te amei!... Mas pude felizmente  
Abrir a tempo os olhos razos d'agua  
Sobre esse abismo de insondavel magua  
Que a meus pés se rasgava, em minha frente.

Meu adouçado guia então detendo,  
Disse-lhe: «Coração, meu pobre amigo,  
«Basta! Corres em vão e em vão te sigo:  
«E' para a morte que tu vais correndo.

«Sim, desta vez corremos para a morte:  
«Por essa a quem te dás e me repele  
«Não batas mais, ou morreremos...» E ele,  
Ele, a chorar, poz-se a bater mais forte.

Era demais, e recuzei seguil-o:  
Tentei contel-o; rezistiu-me, o louco.  
Lutámos. Subjuguei-o. Pouco a pouco  
Cedeu; prostrei-o. Eil-o, afinal, tranquilo.

Destroço inútil que se atira a um canto,  
Deixei, sem dó, rolar esse vencido  
Para a sombra de um vale ermo e esquecido,  
Lonje do mundo em que sofremos tanto.

Enterrei-o nesse ermo, bem no fundo  
De uma bem funda cova... Nem pudera  
Jaula mais propria achar para essa féra,  
Melhor prisão para esse vagabundo.

E agora que o deixei posto de lado,  
Lonje de mim, fóra do meu caminho,  
Penso, ao sentir-me bem indo sózinho,  
Que antes só do que mal acompanhado.

Sózinho, avanço pela vida a fóra  
Cantando e rindo, lépido e seguro;  
Olho em frente — e por todo o meu futuro,  
Vejo raiar como um clarão de aurora...

Sinto-me livre e forte. Adeus, cuidados!  
Adeus, canceira inútil do dezejo!  
Dezabafem no alívio de um bocejo  
Meus beijos murchos, que não foram dados.

Fatigado, apetece-me o descanso:  
Com o mesmo olhar de indiferença, quero  
Olhar-vos, terra de que nada espero,  
E ceu, lonjinho ceu que não alcanço!

Num socego viril, de que me ufano,  
Quero, sem ambição que me atormente,  
Ver de cima, da margem da corrente,  
Rolar em baixo o torvelinho humano.

Deusa que hoje aos meus olhos te humanizas!  
Eu, que te amei humilde e miserando,  
Eu calco aos pés o mesmo chão que pizas,  
O mesmo chão que já beijei chorando.

Eu, que fui sempre desdenhado e triste,  
Vingo-me agora rindo-me do mundo;  
E, ó tu que amei! os teus encantos fundo  
No meu desdém por tudo quanto existe!

Ele, o meu pobre coração, lá dorme  
No fundo do seu carcere tremendo;  
Lá dorme, o eterno sonhador, enchendo  
De sonhos vãos a sua noute enorme.

E do seio da terra, que o consome  
Tão lentamente, ouço de quando em quando  
Subir a voz de alguém que está chamando,  
De alguém que chora a murmurar teu nome...





## O ORGULHO DA AGUIA

---

A aguia disse uma vez  
Ao belo sol — e em sua voz zunia  
Um sarcasmo profundo:

«A luz do dia  
Porque a estragas, ó sol, deitando-a aos pés  
Da mais humilde e mais obscura planta ?  
Porque mesclas á areia  
Teu esplendor ? Tantos fulgores, tanta  
Riqueza espalhas, pródigo, á mão cheia,  
Sobre mil couzas vis que os não merecem;  
Sobre as azas do inceto  
Mais pequenino e de mais feio aspeto

Os teus lípidos raios resplandecem;  
Vais procurar na sombra  
A flor mais tenra, o passaro mais pobre;  
E a esses plebeus da arvore e da alfombra  
Dás um farrapo 'do teu manto nobre...

Sol, belo sol ardente,  
Couza tão rica como a luz da aurora  
Devias concedel-a unicamente  
A' serra, ao mar, á aguia que ceus em fóra  
Rompe; a tudo e sómente ao que é grandiozo,  
Ao que é belo, ao que é forte...»

E o sol, então,  
Disse á aguia:  
«O meu raio esplendorozo  
Beija, é verdade, os mizeros do chão,  
A' areia se mistura,  
E busca, e tem-lhe amor,  
A perfumada e rozida frescura  
De um cálice de flor.



A mesma luz que abraza  
As tuas penas, aguia,  
Deixo que á humilde, á pequenina aza  
Do inceto doure, e fulgurante alague-a.

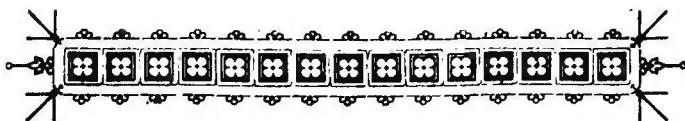
E sabes tu porque ?  
Sóbe onde estou, verás: tudo confundo  
Desta distancia de onde vejo o mundo  
Em que és tão grande... O meu olhar nem vê  
Serras e mares mais que aves e flores;  
E um só dos raios meus doura, ilumina,  
Inunda de fulgores  
A aguia giganté e a Terra pequenina...»





# INDICE





EXPLICAÇÃO	PAG.
ARDENTIAS	
Madrugada pagã	3
Folha solta	5
Canto dos còrsarios	9
Versos a alguem	15
Canção	17
Dona Flor.	21
Velha canção	23
Adormecida	27
Spleen	31
Tumulo de uma alma	33
Never more	41
Gélida	43
Sobre uma criança morta.	47
Primavera	49
No Sahara	53

## RELICARIO

	PAG.
Fragmento de uma carta	57
Poesia	61
Poesia	63
<i>Æternum Carmen.</i>	65
I — <i>Uma flor</i>	65
II — <i>Um passaro</i>	67
III — <i>O sol</i>	69
IV — <i>Um poeta</i>	71
Rachel	73
Setembro	75
Aos quinze annos .	79
A um velho .	83
Uma houte de D: Juan.	87
Na sombra	99
Na praia	103
Poesia	107
Malgré toi.	111
Cristo, cristão .	115
Marinha	119

## AVULSAS

Tres amores	127
Poesia	137
Poesia	141
Soneto	145

	PAG.
Rimance	147
Cantigas	151
Poesia	157
A beira mar	161
Hino ás mães	163
Olhando o mar	167
Madrigal	173
Soneto	177
Soneto	179
Soneto	181
Medieval	183
O ultimo ciúme	185
Da carteira de um doudo.	187
O orgulho da aguia.	197

























## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).